



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**EVARELIA MARIA FERREIRA LIMA**

**PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO SOCIAL NO PROJOVEM**  
**ADOLESCENTE, SOLEDADE-PB.**

**CAMPINAGRANDE –PB**

**2012**

**EVARELIA MARIA FERREIRA LIMA**

**PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO SOCIAL NO PROJOVEM  
ADOLESCENTE, SOLEDADE-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba–UEPB com requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Senyra Martins Cavalcanti.

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

L732p

Lima, Evarelia Maria Ferreira.

Práticas em Educação Social no Projovem  
Adolescente, Soledade–PB [manuscrito] /  
Evarelia Maria Ferreira Lima, 2012.

83 f.:il.: color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro  
de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma.Senyra Martins Cavalcanti,  
Departamento de Pedagogia”.

1. Educação Especial 2.Políticas Públicas 3.  
Inclusão Social 4. Programa Nacional de Inclusão de  
Jovens - ProJovem I. Título.

21. ed. CDD 371

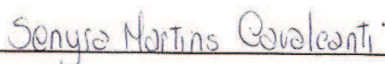
EVARELIA MARIA FERREIRA LIMA

Práticas em Educação Social no  
Projovem Adolescente, Soledade-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB com requisito para obtenção do título de Licenciatura plena em Pedagogia.

Aprovado em 28/11/12

BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Senyra Martins Cavalcanti (Orientadora)

Mestre em Sociologia

Departamento de Educação

  
Prof.<sup>o</sup> Jamesom Ramos Campos

Mestre em Ciências da Educação

Departamento de Filosofia e Ciências Sociais



Prof.<sup>a</sup> Teresa Cristina Vasconcelos

Mestre em Ciências da Sociedade

Departamento de Educação

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela oportunidade de conceder o trabalho com jovens, e a partir deste construir o meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço aos meus pais Evandro e Maria de Lourdes pelo incentivo para continuar no curso, mesmo passando por momentos difíceis, que foi a perda do meu irmão Evandro Marcos Ferreira Lima, que ficou junto ao Pai me dando forças para continuar.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, em especial a Orientadora Senyra Martins Cavalcanti.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para o meu crescimento profissional e também individual.

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.”

*John Dewey*

## RESUMO

O Projovem Adolescente, em Soledade–PB, é um Programa do Governo Federal, coordenado pelo Ministério Desenvolvimento Social (MDS), com o objetivo de desenvolver ações sócio-educativas junto aos jovens de 15 a 17 anos, pertencentes às famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família, ou de egressos de outros programas governamentais, tais como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), programas de combate ao abuso e à exploração sexual, participantes de medidas socioeducativas de internação ou em cumprimento de outras medidas em meio aberto e de proteção. O objetivo deste programa é ajudar o jovem em situação de vulnerabilidade, exposto, à exclusão e à desigualdade social. Este trabalho monográfico constitui-se em relato de experiência das educadoras sociais (orientadoras e facilitadoras) do Programa e tem como objetivos específicos: discutir a condição do jovem de periferia urbana, relatar as práticas e memórias do trabalho do educador social com jovens, identificando os desafios enfrentados. Os relatos foram colhidos através de entrevistas não-estruturadas gravadas com quatro (4) educadoras sociais que participaram da experiência do Programa juntamente com a autora deste trabalho. Iniciamos o texto mapeando a condição juvenil contemporaneidade, focalizando o jovem como modelo social e sujeito cultural, com foco no jovem de periferia urbana e nos aspectos sociais desta condição. Em seguida, apresentamos a educação na ambiência do não-formal e o trabalho do educador social. Na parte final do texto, apresentamos o trabalho realizado no Projovem Adolescente, suas práticas e memórias, bem como o currículo norteador de todo o trabalho do educador social. A educação social é um desafio para educadores que desenvolvem atividades voltadas aos jovens em situação de vulnerabilidade, constituindo-se tanto em espaço formativo no saber-fazer, pela ausência de supervisão e apoio material adequado, quanto em espaço de experimentações pedagógicas.

Palavras-chave: Educador Social. Projovem Adolescente. Exclusão.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPITULO I: Jovem e Sociedade</b>	
1.1	Adolescência e juventude: enfoques, conceitos e perspectivas..... 12
1.2	O jovem como sujeito cultural e modelo social .....14
1.3	Juventude de periferia urbana e contemporaneidade.....17
1.3.1	Classes sociais .....17
1.3.2	Trabalho ..... 19
1.3.3	Família .....24
1.3.4	Mídia, consumo, cultura de massa e redes sociais .....28
1.3.5	Exclusão social e educação.....31
<b>CAPITULO II: Pedagogia e Pedagogia Social, educar na ambiência do não-formal.</b>	
2.1	Pedagogia e pedagogia social..... 34
2.2	Educação social.....36
2.3	Educador social e seu trabalho..... 40
2.4	Tempos e espaços da educação não-formal.....43
2.4.1	Estratégias de educação não-formal: O projeto do governo federal Projovem..... 43
<b>CAPITULO III: Educador Social e o Currículo: trabalho realizado no Projovem Adolescente em Soledade-PB: práticas e memórias.</b>	
3.1	O ciclo I e II e os seus Percursos Socioeducativos .....49
3.2	Análise dos educadores sociais entrevistados.....52
3.3	A experiência do Projovem em Soledade-PB.....58
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICE I.....</b>	<b>67</b>
Relatório das educadoras sociais do Projovem Adolescente em Soledade-PB.....	68



## INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem como objetivo apresentar o relato de experiência das Orientadoras e Facilitadoras do Programa Projovem Adolescente em Soledade-PB, no ano de 2010. Os objetivos específicos são: Apresentar a condição do jovem de periferia urbana na sociedade, identificar o trabalho social realizado através do educador, apresentar a proposta do programa, relatar práticas e memórias do trabalho com jovens, identificando os principais desafios.

Os relatos de práticas e memórias foram realizados com duas orientadoras e duas facilitadoras através de entrevista não-estruturada gravada. Essa modalidade de entrevista compreende perguntas de partida, em que as demais vão surgindo a partir de questões-problemas apresentadas nas interações entrevistadora-entrevistada. A fim de manter o anonimato, as entrevistas foram realizadas na residência das educadoras e os nomes foram trocados por nomes fictícios. A vivência da autora deste trabalho como educadora social do Programa também fez parte de todo o processo de coleta de informações e relatos. Após a realização das entrevistas, transcrevemos para análise comparativa das falas a partir dos temas e conceitos norteadores da fundamentação teórica do trabalho.

No primeiro capítulo, apresentaremos o jovem de periferia urbana no contexto mais geral da sociedade contemporânea, posicionando o jovem como sujeito social e modelo cultural. Também fez parte desta discussão, a identificação de conceitos-chave para a compreensão da temática, tais como: família, mídia, relação com o mundo do trabalho e educação. Em seguida, problematizaremos a condição de juventude na sociedade, principalmente os que estão em situação de vulnerabilidade social, vítimas de desigualdades e exclusão social, e discutimos dois avanços para os jovens: a universalização da educação escolar pública para as classes populares no século XX e o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), que tem como objetivo o combate ao trabalho infantil e juvenil.

O ser jovem pode compreender os que estão na faixa de 12 a 35 anos, mas a faixa de idade não posiciona alguém como jovem. O ser jovem é compreendido como um sujeito em transição - social, psicológica, cultural, individual e biológica - para a vida adulta, e percebe-se que cada um tem seu tempo. Visto como um vir a ser, sujeito da rebeldia e da não aceitação das regras impostas, o jovem é alvo da preocupação de pais, educadores e de políticas públicas. Como bases teóricas para estes temas, nos apoiamos em: Leon (2005), Cavalcanti (2006), Dayrel, (1999), Peralva (1997), Freitas (2005), Abramo (2005) e Oliveira (1999).

No segundo capítulo, discutiremos a pedagogia na ambiência da educação não-formal. Com início na Alemanha no pós-guerra mediante trabalho com órfãos e desabrigados, a educação social é uma nova modalidade que precisa de formação, capacitação e competência ao educador social, o qual, por sua vez, necessita se integrar com a educação escolar, para juntos contribuir com a mudança pessoal e social do sujeito. A pedagogia social é um trabalho comunitário e educador realizado a partir do diálogo e do afeto, fazendo uso da ludicidade, da arte e da cultura, em que se destacam: a socialização de crianças abandonadas, de jovens marginalizados, o apoio aos direitos dos idosos, dentre outros, objetivando o resgate da pessoa humana. Trabalho este realizado pelo educador social, que precisa ser um transformador de sujeitos, para amenizar a pobreza, a discriminação, a exploração e a desigualdade social.

Ainda como parte do segundo capítulo, destacamos que o Projovem Adolescente foi criado pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), em 2005, e lançado em 2007, pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O Programa destina-se aos jovens de 15 a 17 anos, pertencentes às famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família, egressos de medida socioeducativas de internação ou em cumprimento de outras medidas socioeducativas em meio aberto, egressos do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), vinculados a programas de combate ao abuso e à exploração sexual. O Programa tem como objetivo diminuir a pobreza, erradicar a fome e as desigualdades sociais, para dar autonomia e inclusão social às famílias brasileiras que estão em situação de vulnerabilidade social e, a partir disso, promover o desenvolvimento econômico do país. O referencial teórico para expor essa temática é composto por: Morgensztern (1998), Petrus (2003), Machado (2002), Romans (2003), Brasil (2009).

No terceiro capítulo, apresentaremos o trabalho desenvolvido no Projovem Adolescente em Soledade – PB, no ano de 2010, práticas e memórias, com base no currículo do caderno Traçado Metodológico. Esta descrição do trabalho é possível através dos relatos das entrevistadas, bem como pela minha observação como ex-facilitadora do referido Programa. Dentro deste capítulo, apresentaremos cada parte do trabalho com os jovens, desde a divisão dos coletivos, através dos ciclos I e II, passando pelos temas transversais, explicitação de metodologia, planejamento e avaliação das ações educativas. O roteiro do trabalho realizado no Programa tem como base os temas transversais - juventude e direitos humanos, cultura, esporte e lazer, meio ambiente, saúde e trabalho, que orientam o planejamento das oficinas, aulas, viagens, prática esportiva e palestras, realizadas

comcompromisso e criatividade pela equipe, expressos no investimento de recursos próprios para a sua realização.

## **CAPITULO I**

### **JOVEM E SOCIEDADE**

O jovem é um sujeito que está em processo de desenvolvimento, pessoal e social, e a sociedade é um âmbito que este jovem esta permanentemente se desenvolvendo, em todos os aspectos, como: educativo, relacionamentos afetivos, construindo visão de mundo, opiniões, respeito às diferenças, crescimento pessoais e profissionais. E é nesta sociedade que o jovem vai trilhar sua historia, para tornar-se cidadão digno e contribuir com o crescimento de sua comunidade, do seu país e do mundo.

#### **1.1 Adolescência e Juventude: Enfoques, Conceitos e Perspectivas**

Juventude e adolescência são designações conhecidos para o sujeito que esta deixando a infância e entrar na puberdade, onde há mudanças biológica, psicológica e social. Definem-se juventude e adolescência pela faixa etária. Observe o que Leon (2005, p.13), destaca: “Convencionalmente, tem-se utilizado a faixa etária entre os 12 e 18 anos para designar a adolescência; e para a juventude, aproximadamente entre os 15 e 29 anos”. Só que a designação jovem é mais abrangente. Leon (2005, p. 13), “Que o período juvenil em determinados contextos e políticas publicas, pode estender-se em uma faixa máxima desde os 12 aos 35 anos, com o objetivo de definir operações para referencias pragmáticas no campo das políticas de adolescência e juventude”. De acordo com Leon:

A noção mais geral e usual do termo juventude se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do individuo e ocorre uma serie de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto.(2005, p. 13, apud ABRAMO, 1994, p. 1)

O programa social designado para jovens, Projovem Adolescente, tem como ingressos jovens numa faixa etária entre 15 a 17 anos. Em que os de 15 anos são os iniciantes e os que completam 17 são veteranos, de saída do programa. Para Leon (2005, p.10) “Os conceitos de adolescência e juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais vierem

adquirindo denotações e delimitações diferentes”. No entanto, cada época, e processos históricos, diferenciam os conceitos e a forma como são conhecidas as faixas etárias, mas cada jovem tem seu tempo de se tornar adulto, e uns diferenciam de outros.

Para Dayrell (2003, p.42) “A juventude se inicia quando se adquire a capacidade de procriar, de menos proteção pela família, assume responsabilidades e busca a independência, e a dar provas de auto-suficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos”. Mas juventude inicia após a infância, no qual há uma transformação considerável a este jovem, em todos os aspectos, social, biológico e pessoal, e ainda ele não é auto-suficiente para ser independente, acontece todo um processo, para este indivíduo tornar-se independente é preciso ter a capacidade de ser independente economicamente e construir família.

O discurso social costuma combinar diferentes visões de juventude, para efeitos didáticos, vamos identificá-las em visão biológica, visão geracional, visão ternária, visão essencialista e visão classista. Cavalcanti enfatiza:

*Visão biológica* é quando os seus organismos estão na fase de adolescência, e essa visão combina com as *visões, geracional e ternária* da juventude, que é a fase intermediária entre a infância (ludicismo) e a preparação para o mundo adulto, o mundo da produção e do trabalho. *Visão universalista*, pelo seu caráter generalizante e transhistórico, esta concepção não permite aos sociólogos focalizar as diversas experiências de juventude construída pelos indivíduos em um mesmo estado de maturação do organismo. *Visão classista* as culturas juvenis seriam sempre culturas de classe. Em uma sociedade dividida em classes, a cada classe corresponderia uma experiência diferenciada de juventude. *Visão da diversidade* são as formas de construção da experiência de juventude, diversas são as formas de transição para a vida adulta. (CAVALCANTI, 2006, p.211-212)

Portanto, verificamos a percepção de Cavalcanti (2006) quando se refere à visão de juventude em várias óticas, e uma delas que chama atenção é a universalista, não permite focalizar as diversas experiências de juventude, porque é diferenciada em cada sociedade e em cada cultura. No entanto sabemos que cada sujeito tem um tempo para se desenvolver, e alguns jovens inicia a vida adulta mais cedo, enquanto outros há um processo mais extenso para a vida adulta e para que isso aconteça depende de muitos fatores, social, econômico, biológico e psicológico.

## 1.2 O jovem como sujeito cultural e modelo social

O jovem é um sujeito que possui potencialidades que é desenvolvida através do meio social e cultural no qual ele está inserido e é através desse meio que recebe influências positiva ou negativa. Cada um de nós somos seres singulares, únicos, e dependendo do meio que estamos, poderemos ser pessoas participativas e produtivas para contribuir de forma positiva na sociedade que vivemos. Dayrell comenta que:

O sujeito é um ser singular, que tem uma historia que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido a posição que ocupa nele, as suas relações com os outros, a sua própria historia e a sua singularidade. Para o autor, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere.(DAYRELL 1999, p. 43)

Para que esse sujeito produza e participe positivamente de suas relações, construa sua historia de integridade, é preciso incentivo e apoio, seja pelo poder público, família e sociedade. Todo sujeito precisa de oportunidades para que sua vida tenha um norte, um sentido, e a partir disso construir um mundo melhor para viver. “O ser humano não é um dado, mas uma construção. A condição humana é vista como um processo, um constante tornar-se por si mesmo, no qual o ser se constitui como humano, com o desenvolvimento das potencialidades que o caracterizam como espécie” (DAYRELL, 1999, p. 43). É notável que nossos comportamentos e atitudes sejam o resultado de um processo de convivência social desde a infância, e esse processo ajuda a definir o que realmente somos como nossos objetivos, ideais, atitudes e comportamentos, tornando sujeitos sociais e culturais. No qual, o “homem se constitui como um ser biológico, social e cultural, dimensões totalmente interligadas, que se desenvolvem com base nas relações que estabelece com o outro, no meio social concreto em que se insere” (DAYRELL, 1999, p. 43).

O jovem é visto como um sujeito que está numa fase de transitoriedade, no qual este conceito já é algo concretizado entre as culturas sociais, e estabelecidas como uma verdade, no entanto, o jovem ou adolescente é entendido na sociedade como alguém que esta em processo de aprendizagem para tornar-se um adulto com boas qualidades, tanto como pessoa como no setor produtivo, que realizará no futuro.

Dayrell (1999, apud SALEM. 1986 p. 40), “uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um vir a ser, tendo no futuro, na

passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente”. Porém o jovem ou adolescente pode contribuir de forma positiva nas suas ações do presente, porque tem muito a compartilhar nas suas idéias, possui visão ampla das coisas e isso não é compreendido, visto apenas na sua negatividade, como um sujeito do futuro um “viraser”, é um espaço valido de formação e isso não se pode negar o presente vivido do jovem. Dayrell entende que:

A adolescência não pode ser entendida como um tempo que termina como a fase da crise ou transito entre infância e a vida adulta, entendida como a última meta da maturidade. Mas representa o momento do inicio da juventude, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, dos referenciais sociais e relacionais. Um momento no qual se vive de forma mais intenso um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida.(DAYRELL, 1999, p. 42)

A passagem da infância à vida adulta não é um momento sem importância quando se trata das relações sociais e pessoais, porque são atos construídos que podem permanecer para sempre na vida das pessoas e nas relações sociais e familiares são absorvidas o que a sociedade e a família apresentam em sua cultura. As relações afetivas são marcadas para a vida toda e são mais intensos, como os namoros, as amizades, as relações com a família, e isto vai influir para sempre na vida do sujeito que está em transformação.

Toda ação desenvolvida para o jovem é pensada no que ele poderá se tornar no futuro, e não como sujeito do presente que tem suas ideias, anseios e potencialidades, tornando o jovem ou adolescente um sujeito em potencial. No entanto o jovem tem muito para compartilhar, apenas precisam de espaço e oportunidade, e é através da família e da sociedade que será possível para apoiar e incentivar o jovem no que ele tem de melhor. A partir deste propósito de oportunidade será possível explorar o potencial que o jovem pode oferecer a sociedade e em sua formação como cidadão.

Quando o jovem não encontra apoio e oportunidade para se desenvolver, ocupar com algo positivo, vai se integrar mal na sociedade, pelo caminho da revolta, procurar preencher seu tempo com algo negativo, e é a partir disso que poderá apresentar um quadro de desvio, inserindo no mundo da violência, rebeldia e não aceitação do que é padrão normativo social. “Parte considerável da sociologia da juventude constituir-se-á então como uma sociologia do desvio: jovem é aquele ou aquilo que se integra mal, que resiste a ação socializadora, que se desvia em relação a certo padrão normativo” (PERALVA, 1997, p.18).O jovem se apresenta no mundo cheio de energia e vitalidade, com espírito de mudança, com ideias novas de transformação, de não aceitação do que são normas sociais pré-existentes, de necessidades

peçoais e materiais, e por esse motivo acontece de infligir àquilo que é considerado normal, que é regra, e a partir disso a sociologia encara como a juventude do desvio. E o Programa Projovem Adolescente tem como objetivo acatar esses jovens para ocuparem seu tempo livre em atividades culturais.

A juventude precisa conhecer as normas atuais e também as antigas e refletir que elas contribuíram muito para o desenvolvimento social e a partir disso procurar moldá-las e ajustá-las para contribuir com o progresso social atualmente. Peralva (1997) destaca: “Quer o passado imprima ao futuro o seu significado, quer o futuro se imponha ao passado como perspectiva de renovação”. Conhecer as normas passadas é necessário para entender as atuais, e perceber que estamos sempre em processo de mudanças, e estas mudanças são importantes para o desenvolvimento social de todos, e o jovem é agente deste processo de mudança, mas precisa de apoio para entender que é a partir das normas passadas que poderão surgir normas novas para a melhoria das novas gerações.

O jovem por estar em processo de construção, de descobertas, de insegurança quanto ao seu futuro, não pode entrar na delinquência juvenil, e sim ter apoio para construir seu espaço de estudo, trabalho, social e emocional, positivamente. Peralva (1997, p.19 apud MAUGER, 1991) “que o sentimento de insegurança inspirado pelos jovens não pode ser reduzido a um efeito mecânico do crescimento da delinquência juvenil, porque lança raízes mais amplamente no conjunto de representações sociais que cada sociedade e cada época constroem sobre a sua própria juventude”. A sociedade em parte vê a juventude como um momento de insegurança e delinquência, mas é preciso entender que a juventude está em um processo de mudança e descobertas, e encaram os problemas com menos maturidade, daí as gerações antigas e o poder público precisam apoiar os jovens para sobre sair das dificuldades que a vida apresenta, e procurar viver da melhor maneira possível.

Os jovens em situação desfavorável economicamente têm menos oportunidade para se desenvolverem na sociedade, e muitos encontram o caminho da delinquência, apresentando atitudes antissociais, como a procura pelo tráfico de drogas, a prostituição, o roubo, furto, a violência, a gravidez precoce, as DSTs, entre outros. Com esses comportamentos, por falta de oportunidades, são conhecidos como jovens delinquentes, não aceitáveis pela sociedade, como alguns jovens da periferia urbana. Portanto são jovens esquecidos pelo poder público, que vivem em países subdesenvolvidos, no qual a educação em parte não é prioridade, como a educação em alguns setores, público, e a partir desse descaso é que vai gerando e transformando sujeitos delinquentes.



### **1.3 - Juventude de Periferia Urbana e Contemporaneidade:**

#### **1.3.1 Classes Sociais**

O jovem vive e se desenvolvem em um tipo de classe social, e é nas classes desfavorecidas economicamente que provoca menos oportunidade de se desenvolver em alguns aspectos, como: educação de qualidade, menos oportunidade de formação e capacitação para o trabalho, desemprego, sem lazer, vestimenta, alimentação, moradia, saúde entre outros, e sujeito as mazelas sociais. Por esse motivo precisam mais de atenção pelo poder publico e também da sociedade. Para Freitas:

A ECA (Estatuto, da Criança e do Adolescente), legislação resultante desta luta, avança profundamente a compreensão sobre as crianças e adolescentes, como sujeitos de direitos, e estabelece os direitos singulares da adolescência, compreendida como a faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos de idade, quando então se atinge a maioridade legal; tornou-se uma ampla referencia para a sociedade, desencadeando uma serie de ações, programas e políticas para estes segmentos, principalmente para aqueles considerados em risco pelo não atendimento dos direitos estabelecidos. (FREITAS, 2005, p. 07)

Estas ações, programas e políticas estabelecidas para atender aos jovens que fazem parte de alguns programas sociais e educacional, como bolsa família, Projovem Adolescente, e PETI, têm como objetivo amenizar a situação de pobreza e erradicação da fome, desigualdade social e a violência que estes jovens estão sujeitos.

É na França, terceira república que o processo de escolarização abre as portas para as crianças das classes populares. Peralva (1997, p. 17) justifica que: “É na terceira republica que, ao fim do século XIX, consolida o processo de escolarização das crianças das classes populares, tomando-as objeto de uma ação social sistemática por parte do Estado”. O processo de escolarização para as classes com menos poder aquisitivo demorou em fazer parte do sistema educativo brasileiro, que apesar de ser deficitário, ao longo dos anos, apresentando uma educação falha, contribuiu para diminuir o trabalho infantil e juvenil. Peralva (1997, p.17) destaca que “A escolarização avança contra o trabalho contribuindo com sua lógica própria para a modulação social das idades da vida”. No entanto, o ECA surgiu em 1990, instituído pela Lei 8069, de 13 de julho, que regulamenta os direitos das crianças e dos adolescentes, É também um importante avanço nas questões sociais, e precisa ser mais eficaz e respeitada no combate a exploração nos direitos das crianças e adolescentes.

A respeito do comportamento juvenil frente as questão de dependência financeira, Peralva comenta:

O desemprego do jovem e a carência de autonomia financeira obrigam muitos a permanecerem durante muito tempo sob o mesmo teto que os pais. Entre as camadas populares a separação entre sexualidade precoce e reprodução, que já não encontra mais um freio eficiente na definição moral da honra feminina, nem sempre se faz de modo adequado. (PERALVA, 1997, p. 22)

O fator econômico obriga os jovens a viverem no mesmo espaço que os pais por muito tempo, porque muitos jovens por ter escolaridade baixa, não conseguem encontrar emprego e o mercado de trabalho exige qualificação e escolaridade e isso o afasta do mercado de trabalho, preocupando, porque além do desemprego, a questão da sexualidade e reprodução humana acontece de forma desordenada, provocando o aumento da pobreza e diminuindo a qualidade de vida. O Projovem Adolescente tem como meta instruir e orientar o jovem para prevenir a gravidez precoce e a sexualidade irresponsável, interagindo para o mundo do trabalho e a participação cidadã. Peralva comenta:

Educação e ordem são faces complementares do dispositivo intrínseco à racionalidade moderna. As técnicas disciplinares, que a escola condensa (1975), situam-se no âmago dos processos sociais constitutivos de um aparelho de poder renovado. Também a consciência da infância e da puberdade é inseparável da consciência da (sexualidade desviantes) e da constituição de um dispositivo científico – dispositivo do saber – que pretende produzir efeitos de ordenamento sobre os costumes e os comportamentos (1976). (PERALVA, 1997, p.16 apud FOUCAULT, 1975)

A educação é muito importante na sociedade moderna, porque tem este papel de ordenar e orientar os costumes e comportamentos relacionados à consciência da infância e puberdade, quando se trata da sexualidade desviante e irresponsável traz transtornos para a família, sociedade e poder público, podendo ocasionar doenças como: Síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), gravidez precoce, e aumento da população sem expectativa de vida.

O primeiro grupo de convivência que a criança vivencia é a família, em seguida a escola, os seguimentos religiosos, os vizinhos e o trabalho e quando chega à fase da juventude acontece um afastamento do jovem com sua família, porque o jovem não consegue interagir de forma espontânea com seus pais, e seus pais não conseguem manter um dialogo aberto em relação aos problemas que eles vivenciam, assim essa interação acontece melhor com os

jovens da mesma faixa etária, identificam melhor em compartilhar seus segredos, dúvidas e problemas. E são nos grupos de convivência que os jovens buscam apoio e se interagem melhor, e esses grupos seriam os amigos. Depois da família essa convivência se dá na escola, onde os jovens formam seus grupos, e é lá que as relações sociais acontecem, como: amizades, paqueras, namoros, inimizades, ou seja, relações que os jovens levarão pelo resto da vida. Em seguida essas relações surgem no trabalho, e em outras instituições na qual o jovem frequenta como: as denominações religiosas e clubes culturais. Para Abramo e Leon:

As gerações não formam conjunto nem tampouco são “movimentos” sociais; mas isto não exclui de uma “situação geracional” comuns, de ter idades próximas e viver um mesmo tempo sob condições parecidas e que isto possa germinar a formação de grupos concretos com uma identidade ideológica e um conjunto de interesses particulares. (ABRAMO E LEON, 2005, p. 15)

É através dessa convivência dos jovens que gera uma identidade ideológica, de costumes, comportamentos, e ideias, e assim vão surgindo os interesses particulares, os movimentos sociais e dessa forma contribui para seu crescimento pessoal, através das convivências e relações sociais que estabelecem no meio em que vivem. Lembrando que essas interações muitas vezes são levadas para o caminho negativo, trazendo uma convivência que não cultua coisas e atitudes que possam lhes beneficiar como cidadão, e percorre um caminho da própria destruição, os caminhos obscuros da violência, da imoralidade, das drogas, prostituição e doenças. É necessário o apoio do poder público e da sociedade, inserir os jovens no sistema educativo e principalmente no mundo do trabalho ajudando este na formação cidadã. Portanto para a melhoria em geral é mais importante dar condições aos jovens viverem do trabalho e estudo, do que sustentar sujeitos marginalizados na cadeia.

### **1.3.2 Trabalho**

O ECA trata do direito à profissionalização e à proteção no trabalho: “Art. 60. É proibido qualquer a menor de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz”. Mas que nem sempre a lei é cumprida para crianças e adolescente em condição de aprendiz, e muitos deixam de estudar e brincar para ajudar no sustento da família, e uma boa parte dos jovens e crianças realiza trabalhos de forma desumana, como em canaviais, carvoeiras, sinais

de trânsito (vendendo doces e balas), e até no mundo da prostituição e no tráfico de drogas entre outros. Pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE).

O nível de ocupação infantil está em declínio. Havia 5,3 milhões de trabalhadores de 5 a 17 anos de idade em 2004, 4,5 milhões em 2008 e 4,3 milhões em 2009. Cerca de 123 mil deles eram crianças de 5 a 9 anos de idade, 785 mil tinham de 10 a 13 anos de idade e 3,3 milhões de 14 a 17 anos de idade. A região Nordeste apresentava a maior proporção de pessoas de 5 a 17 anos de idade ocupadas (11,7 %) e a Sudeste, a menor (7,6 %). Das pessoas de 5 a 17 anos de idade ocupadas, 34,6% estavam em atividade agrícola e 9,4% produziam para o próprio consumo ou na construção para uso próprio. O rendimento médio mensal de todos os trabalhos das pessoas de 5 a 17 anos de idade ocupadas aumentou de R\$ 262, em 2007, para R\$ 269, em 2008 e R\$ 278 em 2009.

Para o jovem trabalhar, necessita ser compatível com o seu horário de estudo, e com o seu desenvolvimento, físico e mental. Este trabalho precisa ser assegurado na previdência. Veja o que estabelece no Art. 63 ECA “I- garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular; II – atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente; III – horário especial para o exercício das atividades”. Se o jovem trabalha precisa ter horário de estudo e essa atividade precisa ser compatível ao seu desenvolvimento. No “Art. 65. Ao adolescente aprendiz, maiores de quatorze anos são assegurados os direitos trabalhistas e previdenciários”. O ECA precisa ser respeitado, para a integridade física, psíquica, moral e social da criança e do jovem, protegendo da exploração no trabalho, sem direito ao brincar, estudar e direitos previdenciários aos jovens aprendizes.

Antes da terceira república, na França, em todas as camadas sociais, as crianças eram excluídas do mundo do trabalho. “O aprendizado de forma geral de iniciação ao trabalho que selava precocemente o fim da infância e marcava a entrada na vida adulta, era praticada em todas as camadas da população” (AIRES, 1973, p. 255). Após a infância, o indivíduo era inserido no mercado de trabalho precocemente. Com o surgimento da escolarização, essa entrada foi adiada para a idade adulta, que também foi retardada. No entanto, no fim do século XIX, na França, terceira república, é consolidado o processo de escolarização das classes populares por parte do estado, que avança contra o trabalho e contribui para a modulação das idades da vida (PERALVA, 1997). Então, é na terceira república, do século XIX que a escolarização é estabelecida a todas as classes populares ajudou contra o trabalho infantil, mas não alcançou e solucionou todos os problemas que perdura até hoje.

“A definição da infância e da juventude enquanto fases particulares da vida tornam-se não apenas uma construção cultural, mas uma categoria administrativa – vale dizer jurídica e

institucional, ainda que abrigando fortes diferenças sociais no seu interior” (TOURAINÉ, 1993, Apud PERALVA, 1997, p.17). Apresentando a condição da infância, que se torna uma responsabilidade institucional, como por exemplo, a escola, que ajuda no processo educativo, visando o futuro da infância e juventude para contribuir com a sociedade através do mercado de trabalho e do desenvolvimento pessoal.

As diferenças sociais que estas instituições estabelecem estão relacionadas à vida social e ao trabalho, apresentando um modelo de educação que não condiz com a realidade do aluno, porque exclui e não apresenta uma proposta de mudança e desenvolvimento, apenas um ensino superficial, que não prepara o aluno para a vida social e o trabalho. Dayrel apud Martins que comenta sobre a educação e o trabalho:

Podemos afirmar que o mundo do trabalho pouco contribuiu no processo de humanização desses jovens, não lhe abrindo perspectivas para que pudessem ampliar suas potencialidades, muito menos construir uma imagem positiva de si mesmos. São um dos espaços do mundo adulto que se mostra impermeável as necessidades dos jovens em construir-se como sujeitos. Já as experiências escolares desses jovens evidenciam que a instituição se coloca distante dos seus interesses e necessidades, não conseguindo entender nem responder as demandas que lhe são colocadas, pouco contribuindo também em sua construção como sujeitos. Enfim, esses jovens expressam um contexto de uma nova desigualdade social, numa sociedade que apenas lhes abre perspectiva frágil e insuficiente da inclusão. (DAYRELL 2003, p.50 apud MARTINS, 1997)

A escola e o trabalho em determinados lugares apresenta-se fragilizado e superficial, sem perspectiva para o jovem se firmar em suas ações e reproduzindo a desigualdade e exclusão social. A maioria dos programas direcionados para jovens estão relacionados com a formação e preparação para o mercado de trabalho. “Na verdade esta visão do jovem como sujeito em preparação é, portanto, como receptor de formação, é eixo que predomina em quase todas as ações a ele dirigidas, combinadas aos mais diferentes paradigmas, não só nas políticas públicas estatais” (ABRAMO, 2005, p. 20). O jovem é a esperança para lidar e desenvolver a produção no mundo do trabalho, porque a cada geração surgem novas formas de se adaptar e desenvolver no trabalho. Atualmente a tecnologia é uma nova modalidade, e os programas e políticas sociais são estabelecidos para capacitar o jovem a desenvolver e lidar com a tecnologia. Os jovens são vistos como dinâmicos e capazes para desenvolver e desafiar os avanços das mudanças das novas tecnologias e transformações no setor produtivo, capaz para resolução dos problemas sociais e comunitários, através do seu engajamento em projetos de ação social, voluntariado, na perspectiva inclusiva. (ABRAMO, 2005, p.21).

E para estes programas alcançarem os jovens que estão sem expectativa de vida é necessário dar oportunidade para prepará-los para o mercado de trabalho. Diante destas apostas nas políticas públicas aos jovens para contribuir, é preciso considerar as suas necessidades e direitos, não só jogar carga como aposta para a resolução dos problemas. Abramo enfatiza sobre a situação do jovem com o trabalho:

Os jovens de estratos sociais, a grande maioria, que cedo entram no mundo do trabalho e não podiam continuar os estudos, não eram identificados como jovens: somente os que, dentre esses últimos, saíam desse caminho “normal” de integração a vida adulta pela via do trabalho, pela “desocupação”, pela criminalidade ou outras situações de “desvio”, é que se torna alvo da preocupação pública, e o debate central se dava em termos das possibilidades de se integrarem ou restarem numa condição de marginalidade. (ABRAMO, 2005, p.23)

É possível verificar a não preocupação dos governos enquanto o jovem deixar os estudos para se dedicar ao trabalho, pois esta preocupação em criar programas de integração era apenas aos jovens que estavam no caminho para a marginalidade, ou outras situações de “desvio”. Os jovens desfavorecidos economicamente para estes programas se resumiam ao apoio à inserção no mercado de trabalho, e também medidas de prevenção e punição, enquanto os jovens da classe de condições economicamente, as medidas eram de esporte, educação e formação. Abramo chama a nossa atenção:

Os filhos das classes média e altas, as políticas de educação e formação geral (incluindo esportes e poucas ações relativas ao tempo livre, intercâmbio cultural etc.), ao lado de medidas preventivas e punitivas no campo das transgressões morais e movimentos políticos. Para os jovens dos setores populares, as políticas se resumiam a algumas medidas de apoio à inserção no mundo do trabalho, mais fortemente medidas de prevenção, punição ou resgate das situações de desvio e marginalidade. (ABRAMO, 2005, p.23)

No entanto é possível observamos o tratamento de diferenças entre as classes sociais. Margulis e Urresti fazem um comentário sobre essa questão do tempo livre em relação ao trabalho entre as classes sociais:

Muchos jóvenes de clases populares (y también adultos) gozan de abundante tiempo libre: se trata del tiempo disponible en virtud de la falta de trabajo, que aqueja intensamente a los sectores jóvenes. Este tiempo libre no puede confundirse con el que surge de la moratoria social: no es tiempo libre no puede confundirse con el que surge de la moratoria social: no es tiempo legítimo para el goce y la ligereza, es tiempo de culpa y de congoja, es tiempo, es tiempo de impotencia, una circunstancia desdichada que empuja hacia la marginalidad, la delincuencia o la desesperación. (Margulis e Urresti, 1996, p.5)

O tempo livre que estes jovens vivenciam é de fato por falta de trabalho, e não de moratória social, que muitas vezes podem buscar o caminho da marginalidade, delinquência e desespero. O desemprego é algo que exclui o jovem do mercado de trabalho, porque exige preparação e capacitação, e muitos jovens não são preparados para o trabalho. A partir do ano de 1964, o movimento dos estudantes foi importante na luta contra o regime militar, outra item importante que levantou discussão e preocupação foram os meninos de rua, visto como elementos perigosos para a sociedade passou a serem sujeitos de direitos. E tudo isso impulsionou para a implantação do ECA, documento importante na luta dos direitos da criança e adolescente, que muitas vezes não é posto em prática. Abramo destaca abaixo:

Essa luta pautou a questão da infância e adolescência na agenda pública, engendrou o desenvolvimento de políticas, programas e resultou, no bojo do processo da elaboração da Constituinte, no Estatuto da Criança e do Adolescente, considerada uma das leis mais avançadas do mundo e que tem sido um importante marco para o estabelecimento de uma nova noção de cidadania para esses segmentos, mesmo que ainda se observe uma grande distância entre a lei e a realidade. (ABRAMO, 2005, p.24)

O ECA, realmente trouxe uma nova noção de cidadania e de direitos para crianças e adolescentes (jovens), mas é distante da realidade, porque crianças e adolescentes vivem a margem da sociedade e não são atendidas pelo que rege no estatuto.

As Organizações Não Governamentais (ONGs) preocuparam-se com os jovens em situação de risco e carência e fez ele como público alvo para desenvolver projetos em defesa dos direitos. Abramo comenta:

Articulava com duas linhas centrais de trabalho: a educação alternativa e a organização comunitária. Os termos solidariedade e comunidade se tornaram chave neste processo; a recuperação da autoestima do adolescente e a construção de vínculos solidários com a comunidade são os objetivos reais mais perseguidos. (ABRAMO, 2005, p. 24)

Outros temas em foco, sobre a juventude a partir dos anos 90, como o desemprego, ligado a crise econômica e social, comportamentos de risco, DSTs, AIDS, criminalidade, apresentou com altas taxas entre 16 aos 24 anos. Com a falta de perspectiva e de oportunidades para a construção de projeto de vida, a preocupação pública aumentou. Abramo ressalta que:



Passaram a se ter constante de notório e da preocupação pública questões como problemas de saúde vinculados a certos tipos de comportamentos de risco, como gravidez precoce, o uso abusivo de drogas, as várias doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a AIDS; e, principalmente, o envolvimento dos jovens com a violência, como vítimas e/ou autores, e sua relação com a criminalidade e narcotráfico, expressa principalmente na altíssima taxa de homicídios entre rapazes do sexo masculino de 18 a 25 anos de idade. (ABRAMO, 2005, p.24)

Muitos programas de governo e ONGS foram criados com o objetivo de diminuir e conter estes comportamentos e atitudes por parte dos jovens, com medidas de proteção e prevenção. Abramo comenta que:

Diferentes ações nas áreas de saúde, educação e cultura vão construindo os eixos pelos quais programas e projetos pilotos vão se organizando como repertórios comuns. São estes eixos que vão orientar muitos dos primeiros programas governamentais, que são, inclusive, muitas vezes, realizados em forma de parceria entre Estado e ONGs. (ABRAMO, 2005, p.25)

Surgiram algumas empresas apoiando financeiramente estes programas, escolas e projetos e formação para o mundo do trabalho, direcionados a jovens carentes. Abramo relata:

Algumas empresas, e principalmente fundações empresariais, tomaram também o jovem (ainda que na maior parte das vezes, pensada enquanto adolescência) como foco de suas ações de responsabilidade social, apoiando programas de assistência para jovens carentes e financiando, principalmente, ações de apoio a escolarização e formação para o mundo do trabalho. (ABRAMO, 2005, p.25)

A intenção maior destas empresas e o combate a pobreza as desigualdades sociais e exclusão, contribuindo também com o desenvolvimento das comunidades e do país. Estes programas que surgem tanto do governo como das ONGs entre outros, têm como objetivo ajudar e incentivar aos jovens pobres a terem oportunidades, prevenindo a inserção ao caminho da marginalidade e delinquência. O Projovem Adolescente tem como objetivo inserir o jovem no mundo do trabalho e na participação cidadã, e através dessa proposta que o este programa apresentou alguns trabalhos que incentivassem aos jovens na construção de hortas, oficinas de artesanatos, documentários sobre determinados trabalhos, oficinas de culinária, bordados, manicure e pedicure, maquiagem, entre outros. Os programas sociais e empresas desenvolvem programas em prol do jovem, ajuda a família e a comunidade a ter melhores



condições para viver e se desenvolver na sociedade. O trabalho desenvolvido no Projovem Adolescente em Soledade não foi suficiente para despertar o interesse para as oficinas, porque os jovens são sujeitos que buscam interesses mais consistentes em relação ao trabalho. Como cursos que provocassem um bom profissionalismo no futuro, e não foram possíveis.

### 1.3.3 Família

A família é a primeira instituição que o ser humano ao nascer convive e se desenvolve. É o seu primeiro espaço de interação, socialização e aprendizagem. Quando chega à fase da adolescência tendem a se afastarem da família em relação a compartilhar os problemas, dúvidas e momentos importantes, mesmo porque seus pais ainda não estão abertos ao diálogo facilmente com seus filhos, e é a partir desta dificuldade de aproximação entre pais e filhos que os adolescentes interagem e se identificam mais facilmente com grupos de pessoas da mesma faixa etária, pelo fato de terem melhor entendimento em relação aos seus ideais, objetivo e comportamentos. Mirceline, Zaluar, Albromavay e Dayrel comentam:

Existe uma tendência em considerar a juventude como um momento de distanciamento da família, apresentando para uma possível crise da família como instituição socializadora. Alguns autores vêm resultando que a família junto com o trabalho e a escola, estaria perdendo o seu papel central de orientação e valores para as gerações mais novas. (MIRCELINE 1997, ZALUAR 1997, ALBROMAVAY 1999, DAYRELL 1999, p. 41)

A juventude se distancia da família, porque seus ideais e comportamentos são diferentes daquilo que seus pais pensam. E a falta do diálogo dificulta essa interação entre pais e filhos, a partir disso não conseguem se adequar aos ideais e valores que a juventude anseia. Os métodos e propostas da escola são às vezes inadequados para orientar aos jovens na sua inserção social, e estas instituições educadoras perdem seu papel central de orientação, como confirma os seguintes autores: A partir de Mirceline, Zaluar, Albromavay e Dayrel enfatizam que:

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim, como parte de um processo de crescimento, mas totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vividas pelos indivíduos no seu contexto social.

(MIRCELINE 1997, ZALUAR 1997, ALBROMAVAY 1999, DAYRELL 1999, p. 41-42)

O vínculo que ligava adultos e crianças nas eras modernas e pré-moderna eram.

A transmissão de valores e saberes, e de forma mais geral a socialização da criança, não eram, (...) asseguradas pela família, nem controladas por ela. A criança se afastava rapidamente de seus pais, e pode-se dizer que, durante séculos, a educação foi assegurada pelo aprendizado graças à coexistência da criança ou jovem e dos adultos. Ele aprendia as coisas que era necessário saber, ajudando os adultos a fazê-las (ARIÉS Apud PERALVA, 1997, p.15).

Percebe-se que na era moderna a educação que a juventude tinha era completamente diferente da que existe atualmente, onde a criança ou o jovem se afastava da família para aprender e depois ajuda-lá. Peralva (1997, p.16) relata que as: “primeiras transformações essenciais no âmbito da família e em primeiro lugar da família burguesa, com uma mais nítida separação entre o espaço familiar e o mundo exterior, e uma redefinição do lugar da criança no interior da família”, na família burguesa havia essa ruptura de convívio desde cedo com as crianças, para depois ajudar os adultos.

Peralva (1997, p. 16) confirma que, “a criança se torna objeto de atenção particular e alvo de um projeto educativo individualizado, que de certo modo qualifica o lugar que ela virá posteriormente a ocupar na sociedade adulta”. Confirma-se a ideia que a criança e o jovem são preparados para contribuir no futuro, e não visto como um ser que vive um momento e que pode ajudar e produzir enquanto jovem. Na teoria psicanalítica, na qual o jovem que está em processo de mudança psíquica, sexual, comportamental e de construção da identidade. Erikson destaca:

A teoria psicanalítica concebe a adolescência como resultada do desenvolvimento que ocorre na puberdade e que leva a uma modificação do equilíbrio psíquico, produzindo uma vulnerabilidade da personalidade. Por sua vez, ocorre um incremento ou intensificação da sexualidade e uma modificação nos laços com a família de origem, podendo ocorrer uma desvinculação com a família, e um comportamento de oposição a construção de uma identidade, e a crise de identidade associada a ela. (ERIKSON, 1971 Apud LEON, 2005, p. 12)

Com a puberdade o adolescente tende a uma modificação em todos os aspectos, tais como: sexual, psíquico, hormonal e social. Essa modificação traz também alteração no relacionamento com a família, muitos tendem a rebeldia, realizando atos inaceitáveis pelos

pais, causando transtornos, desconforto e desequilíbrio para a família. Alguns fogem de casa, abandonam a vida escolar, se envolvem no mundo das drogas, violência e prostituição. Isso acontece, na maioria das vezes quando a criança convive em ambiente violento, sem afeto, sem limites, atenção e carente dos itens primários que são: carinho, alimentação, moradia, lazer, vestimenta e educação.

O estudo é uma atividade que envolve as crianças e os jovens que tem um papel importantíssimo na socialização. Os ensinamentos oferecidos em algumas determinadas instituições são de baixa qualidade, passado de forma artificial e muitas vezes por profissionais mal qualificados, a partir disso não ajudam a criança no crescimento pessoal e no ingresso ao mercado de trabalho, no qual exigem escolaridade e conhecimento. Estes fatos são verificados através da mídia, no qual apresenta sempre a situação entre os alunos oriundos da rede pública e particular, A aprovação para os cursos superiores principalmente em cursos conhecidos como os mais bem pagos: medicina, direito e os de engenharia, são ingressados por alunos da rede particular em grande maioria.

Abramo (2005, p. 32) comenta sobre esta realidade. “O acesso ao nível superior entre a juventude de classe baixa é de pouco, e os que conquistam este espaço, geralmente são por cursos menos valorizados no mercado de trabalho”. Para complementar, na educação dos jovens o governo criou algumas políticas públicas com a intenção de ocupar o horário vago após a escola regular, que são: Projovem e PETI com objetivo de ajudar as crianças e os jovens a participar de atividades que contribuam com seu crescimento pessoal, social e a partir disso afastar estes do envolvimento com atos que estão fora dos princípios morais e sociais. Abramo apresenta alguns itens sobre este assunto:

Para afirmar o direito dos jovens a aquisição de autonomia e o desenvolvimento do processo de independência, torna-se necessário rever a postulação da família como foco central das políticas, afirmada no caso dos adolescentes. Isso implica, por exemplo, que as ações de transferência de renda e mecanismos de apoio como bolsas tenham como beneficiários os próprios jovens, em vez de seus pais. (ABRAMO, 2005, p. 35)

Quando o benefício da bolsa família é repassado diretamente para o jovem, poderá fazer com que este tenha mais autonomia e independência, isso proporciona escolhas e aprendizado e poderá se sentir mais valorizado como pessoa e obter mais responsabilidade nas questões envolvidas, principalmente a escolar. Cavalcanti (2006 p. 215 apud DAYRELL, 2005) “É a família que arca com o compromisso de suprir as necessidades materiais dos

jovens sem emprego, sem ocupação formal, sem escola”. E as famílias carentes economicamente têm dificuldades para ajudar os jovens que estão nesta situação. No Brasil a educação é compreendida como política universal e central para jovens, que pode formar e diversificar outros programas, que complemente no processo educativo, com preparação para programas de prevenção na área de saúde, comportamentos de risco, como: uso e abuso de drogas, gravidez precoce e DSTs. Em outras áreas os programas são pensados para ser desenvolvida na escola ou em espaços correlatos (ABRAMO, 2003, p. 20).

Vivemos atualmente na era do consumo, onde acontece uma valorização por quem tem o poder da compra, onde a educação de qualidade é para quem pode pagar também a era da tecnologia que provoca mensagens visuais e verbais impulsionando o consumo. Portanto veremos em seguida essa relação do consumo, mídia, redes sociais e a formação das culturas de massa que atinge a juventude.

### **1.3.4 Mídias, consumo, cultura de massa e redes sociais**

O consumo esta relacionado com o sistema capitalismo e com a mídia que impulsiona as pessoas para o consumo exagerado. O comércio e a produção do lucro envolvem as pessoas para comprar através da mídia, que tem objetivo apresentar o desejo de compra através de mensagens verbais e visuais tanto ter como ser e isso estabelece uma visão errônea do poder de compra, onde você vale pelo que tem não pelo que é, e para alguns jovens carentes economicamente procura ter o que deseja da pior forma possível, através do roubo furto entre outros. O jovem é vaidoso, festeiro, vivem em grupo, gosta de aparecer, de ser, de ter e isso para um sujeito que está em processo de maturação não é fácil e a partir desses aspectos se envolvem com atos anti-sociais. Margulis e Urresti enfatizam:

No todos los jóvenes son juveniles em sentido de que no se asemejan a los modelos propiciados por los medios o por las diferentes industrias vinculadas con La producción y la comercialización de valores-signos que se relacionan con los significantes de La distinción. No todos los jóvenes poseen el cuerpo legítimo, el look juvenil; esto es patrimonio, principalmente, de los jóvenes de ciertos sectores sociales que tienen acceso a consumos valorados y costosos em el terreno de La vestimenta, de los códigos Del cuerpo o em los Del habla. (MARGULIS E URRESTI, 1996, p. 3)

Nem todo jovem se assemelha com os modelos que a indústria lança, pois suas condições e valores são diferente daquilo que a sociedade e a mídia impõem, como uma

marca, um padrão corporal. Os economicamente desfavorecidos não têm acesso aos benefícios primário, como: educação de qualidade, saúde e alimentação que são essenciais para combater as desigualdades, necessidades e exclusão social. Os jovens que estão ingressos no mercado de trabalho, que fazem parte da classe economicamente pequena geralmente são sujeitos a trabalharem em ambientes ou empresas que pagam salários baixíssimos, que não estão assegurados na previdência, sem direito a educação de qualidade, tempo e disposição para estudar, com diversões e consumo limitado, e alguns jovens que não tem trabalho, não estudam, são ingressos no mundo do crime, trazendo danos para a sociedade.

Os jovens gozam de bastante tempo livre, assim Margulis e Urresti ressaltam:

Muchos jóvenes de clase populares (y también adultos) gozan de abundante tiempo libre: se trata Del tiempo disponible en virtud de La falta de trabajo, que aqueja intensamente a los sectores jóvenes. Este tiempo libre no puede confundirse con el que surge de La moratoria social: no es tiempo legítimo para el goce y la ligereza, es tiempo de culpa y de congoja, es tiempo de impotencia, una circunstancia desdichada que empuja hacia La marginalidad, La delincuencia o la desesperación. (MARGULIS E URRESTI, 1996, p. 5)

Esse tempo livre que estes jovens passam pela falta de trabalho, estão sujeitos a seguirem o mundo da marginalidade e delinquência. É necessário que o governo apresente uma proposta de políticas públicas que de respalde de forma consistente para o desenvolvimento destes jovens em tempo livre. E o Projovem Adolescente tem essa proposta, de acatar jovens para ocupar seu tempo em atividades que lhe beneficie.

A mídia é uma ferramenta poderosíssima, que está aliada com a produção e o consumo de produtos oferecidos pelo mercado, têm o poder de envolver e seduzir através das propagandas, internet, novelas entre outros. Apresentando imagens sedutoras que instiga o jovem ou adolescente em obter e ser o que é apresentado pela mídia como belo, bom e correto. Para Margulis e Urresti a mídia estimula o jovem através da imagem:

Los canales informativos y de entretejimiento, junto con La extensa red de publicidad que envuelve a las ciudades, van conformando este circuito de imagenescom el que interactuamos cotidianamente. Por otra parte, se va articulando un proceso que toma características provenientes del mundo juvenil, tales como pautas estéticas, estilos de vida, consumos, gustos y preferencias, looks, imágenes e indumentaria, y las propicia ante segmentos crecientes de la población como señales emblemáticas de modernización. (MARGULIS E URRESTI, 1996, p.15)

Através da modernização e o avanço da tecnologia, a mídia apresenta um tipo de padrão ou modelo físico para o jovem, e muitos por acharem que não estão adequados ao

padrão de corpo estabelecido, se submetem a cirurgias, dietas e exercícios físicos. Com este modelo estético, estimulado pela mídia, contribui para a venda de mercadorias de todo tipo, assim afirma estes autores, pois esses fetiches publicitários contribuem para expandir as próteses, cirurgias, dietas e exercícios físicos entre a juventude, público alvo da mídia em programas diversos.

Margulis e Urresti fazem comentário sobre a eficácia do discurso e das mensagens que a publicidade apresenta na mídia:

La publicidad es uno de los medios más eficaces entre los que operan en la circulación de discursos y en la producción social de sentidos: vehículo de mensajes icónicos y verbales que actúan insistentemente sobre el conjunto de la clase. Es usual notar la presencia reiterada de cierto modelo de joven, construido según la retórica de la mercancía, fácilmente identificable como un patrón estético de clase dominante y ligada con los significantes del consumo. (MARGULIS E URRESTI (1996, p.17)

A publicidade é muito eficaz na circulação, nos discursos e na produção social de sentidos, e apresenta um modelo de jovem como padrão estético da classe dominante, ligado ao consumo. Impulsionado os jovens a desejarem algo que está fora da sua realidade econômica, e muitos desses jovens, procuram obter da pior forma possível, que é pela violência. É através da mídia, publicidade, que vai se formando as culturas de massa, que são os modelos padrões que todos seguem como o mesmo padrão de moda, vestimenta, corpo, comportamento, ideias, visão, e isso está incluída nas redes sociais, que influencia mais e mais os jovens a seguirem um padrão igual, e ampliar a produção de consumo

A cultura de massa, esta relacionada com os comportamentos, linguagens, formas de socialização, identidades, em que os jovens se identificam com um mesmo estilo cultural, no qual todos se igualam e se transformam em um modismo cultural, e isso acontece através da mídia, que impõem um padrão cultural. Margulis e Urresti comentam:

El sistema de la moda, La cultura Del consumo y ciertos ordenes discursivos como La publicidad, constituyen factores de fuerte incidencia en la reproducción de las dinámicas clasificatorias vigentes en una sociedad. A través de mensajes verbales y visuales, que ostentan una neutralidad superficial, se canalizan metamensajes que prescriben, implícitamente, criterios normativos sobre qué es deseable, es gestor de distinción o confiere prestigio. (MARGULIS E URRESTI, 1996, P. 17)

Em alguns tipos de músicas o modismo cultural apresenta mensagens que desvaloriza a mulher, incentivando as drogas, a violência, a prostituição entre outros. Apresenta um padrão de corpo, que estabelece o preconceito para aqueles que estão acima do peso, incentiva a compra e o desejo no que é lançado na mídia, mesmo sem necessidade, e para se integrar a certos grupos e ser aceito é preciso acompanhar ao modismo cultural. No entanto, é assim que nossos jovens vão se transformando e sendo levado a ser um cidadão sem critérios sobre sua vida, sem refletir sobre essa cultura.

As redes sociais apresentam uma nova forma de relacionamento, comunicação e informação, através da televisão, rádio, internet e principalmente além da comunicação e conhecimento com as pessoas, fazem compras, expõem trabalhos, opiniões, emprego, cursos e assim a tecnologia avança, através do computador ou “notebook,” é possível este contato com pessoas do mundo todo, através de redes sociais como: “msn, facebook, twitter, badoo, orkut, UOL, email, gmail”, entre outros. Estes sites de relacionamento podem ter influencia positiva ou negativa na vida dos jovens, porque nestas redes sociais há muito perigo, como pedofilia, prostituição, charlatão, entre outros, e esse contato acontece muito com crianças e jovens, que muitas vezes são enganados com desconhecidos ocultos, no qual se apresentam como uma pessoa fictícia.

O lado positivo é esta aproximação de pessoas que moram distantes, poderem fazer novas amizades, namoros e até casamentos. Facilitou o envio de mensagens, recados, trabalhos, pesquisa, compras, cursos a distância e até a busca por emprego. Mas estas facilidades não são possíveis a todas as pessoas, pois há muita gente que não tem acesso a estas redes sociais, apresentando a exclusão digital e com isso atrapalha a inclusão no mercado de trabalho, porque para o cidadão inserir no mercado de trabalho é preciso ter habilidades com o mundo digital e informacional. O “LanHouse” é uma modalidade que os jovens que não tem computador em casa procuram para acessar e terem acesso ao mundo digital, necessidade na nossa atualidade.

Os programas que são implantados pelo governo federal, direcionados para os jovens, precisa implantar o projeto de informática, para que os jovens ingressos nestes programas tenham acesso ao mundo digital, para facilitar a entrada no mercado de trabalho, no qual é um dos itens mais exigidos na atualidade é o conhecimento com o mundo da informática. Portanto é uma oportunidade muito importante para o jovem que vive a margem e sem expectativa de vida, e o Programa Projovem Adolescente tem este papel de resgatar jovens em vulnerabilidade, dando-lhe oportunidade para crescimento pessoal e social. Portanto as

culturas de massa são formadas através das redes sociais que o mundo da informática possibilita a todos os internautas e ajuda a formar um padrão de normalidade e é através da educação que deve apresentar um trabalho de reflexão e crítica frente a esses interesses que a mídia apresenta.

### **1.3.5 Exclusão Social e Educação**

A exclusão social é um fator evidente em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento que começa a problemática na educação como o iletrismo e o analfabetismo, e as políticas pública estão atentas para investir nesta temática, e amenizar com a exclusão social. Oliveira discute sobre esse movimento:

Tanto nos estudos que buscam por em foco as políticas educacionais, com seus esforços investigativos em torno das políticas públicas na área da educação, das articulações entre os movimentos sociais e a cultura e educação populares, da determinação do crescimento e significação social de fenômenos como o iletrismo e o analfabetismo. (OLIVEIRA, 1999, p. 60)

A preocupação por parte do governo com este problema de exclusão social lança alguns programas sociais para ajudar a erradicar esse problema. O analfabetismo afasta as pessoas do mercado de trabalho e até mesmo da vida social, e o Governo Federal apresenta essa preocupação de integrar as pessoas através das políticas pública. O trabalho voltado para a exclusão social é apresentado e articulado atualmente por movimentos sociais e educação popular que identifica a noção de exclusão social como um novo paradigma societal. Oliveira apresenta as teses desenvolvidas face ao problema e argumenta que a primeira é:

É aquela que considera a exclusão como uma forma extrema de desigualdade... Não há ruptura, mas um continuum entre os integrados, os precarizados e os desintegrados, o que requer um tratamento dinâmico da questão da exclusão, em que o acento principal não será tanto sobre a descrição do fenômeno consumado, senão sobre os processos que a ele conduzem; não tanto sobre as ações de re-inclusão, mas sobre sua prevenção; enfim, complementamo-nos, a exclusão não é tanto um fenômeno conjuntural, mas antes, estrutural. (OLIVEIRA, 1999, P.61 APUD FAUCAULD 1975)



A prevenção da exclusão social seria através de uma educação bem estruturada, que desse apoio aos excluídos através de políticas públicas que promova uma integração social. Aquele que não acompanha o progresso do mercado, a modernização, será excluída do sistema que aí impõe a mídia e sociedade. No entanto é através dessa disjunção entre ator e mercado que acontece a desigualdade social. O desvio por um grupo, é algo patológico, e a partir desse estigma que a sociedade adota para o jovem que inflige às regras sociais, assim pensa Oliveira (1999, apud BECKER, p.66–67) “o conceito de desvio deve considerar dois fatores: deve ser tomada em conta sua natureza, ou seja, se ele viola ou não alguma regra acordada; outro, a resposta aos demais membros do grupo ao ato em questão”.

Oliveira (1999, p. 69) menciona em sua conclusão a pergunta: “o que podemos almejar com o binômio, educação-exclusão, senão que as políticas e processos educacionais em geral sejam promotores da integração social dos excluídos?”. Essa pergunta nos faz refletir sobre esse projeto de integração social que precisamos promover para que não haja a exclusão daqueles que estão de fora do sistema educativo, do mercado de trabalho e que às políticas públicas consigam de fato promover e mobilizar um trabalho de transformação dos excluídos, através do esporte, da informática, educação e dos cursos de capacitação para o trabalho.

Há muitos jovens que procuram sobreviver através do que está mais próximo de seu habitat. Sabemos que em setores pobres (favelas), o que prevalece e oferece aos jovens é o envolvimento com o tráfico de drogas, prostituição, roubo, furto entre outros, e muitos jovens se integram a estes atos porque de certa forma foi o que ele encontrou como saída para atender suas necessidades. É preocupante esse desvio social porque é um curto caminho para o jovem, que leva a delinquência e marginalidade. O Projovem Adolescente é um programa social que tem como meta acolher os jovens desfavorecidos economicamente, e fazer um trabalho de transformação do sujeito afastando da delinquência social mudando o rumo de suas vidas, com dignidade, através do estudo, trabalho, lazer, saúde, moradia, educação, alimentação, entre outros. Para que a mudança seja completa, necessitamos de um bom trabalho por parte da educação social.

## CAPITULO II

### **PEDAGOGIA E PEDAGOGIA SOCIAL, EDUCAR NA AMBIÊNCIA DO NÃO FORMAL.**

Apresento neste capítulo a discussão sobre a pedagogia e pedagogia social, que estão interligadas, porque não são duas realidades opostas ou separadas, e sim uma só. A pedagogia social está voltada para um trabalho com jovens em situações vulneráveis, dando-lhe oportunidade para a integração e inclusão social, objetivando seu ingresso no mundo do trabalho, estudo, esporte, cultura, lazer, e construindo um sujeito crítico reflexivo.

#### **2.1 Pedagogia e Pedagogia Social**

Pedagogia e Pedagogia Social trabalham com a socialização do sujeito em situações normalizadas ou especiais, envolvendo teoria e prática sob as atividades de acordo com a realidade do aluno. A Pedagogia Social envolve o trabalho junto a organizações sócio comunitário e assistencial. O Pedagogo Social tem sido reconhecido como Trabalhador da Assistência Social, Sistema Único de Assistência Social (SUAS) pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) na área de gestão e operacional. Implica o conhecimento e a ação sobre os seres humanos, em atividades como crianças abandonadas, jovens marginalizados, orientação profissional e atenção aos direitos da terceira idade. A pedagogia social é uma modalidade que vem se desenvolvendo recentemente e que precisa de capacitação para os educadores fazer um trabalho de qualidade junto aos novos programas que são apresentados pelo governo e por outras instituições.

Vejamos alguns indícios do surgimento da Pedagogia Social como impulso o médico Dr. Bernard Lievegoed, convidado para ser professor de Psicologia Social na Faculdade de Administração Empresarial de Rosterdã, na Holanda em 1950, criou uma nova cátedra, que é Pedagogia Social, e em 1954 fundou o NPI – (Nederlands Pedagogisch Instituut). No Brasil trabalhou com a educação social a partir do conhecimento do diretor da Giroflex com o trabalho de Lievegoed com empresários. Pedro Smith, acionista e diretor da Giroflex (indústria de cadeiras e moveis para escritórios), conheceu o trabalho de Lievegoed com empresários, identificando-se com ele, em 1963, durante esse tempo na Europa. Na sua volta para o Brasil criou um grupo de empresários que se ocupavam com as novas idéias do NPI. A

partir de 1972 o grupo se consolidou e, anualmente, Lex Bos, consultor do NPI na Holanda, vinha ao Brasil para ministrar seminários e trabalhar com este grupo. Em 1975 funda-se o NPI no Brasil. A partir de 1979, Lex Bos e sua esposa, Johanna, retornam sistematicamente e anualmente ao Brasil dando início, junto com Herwig Haetinger (consultor do NPI no Brasil, infelizmente falecido em 1997) aos Seminários de Pedagogia Social. Até hoje esses Seminários continuam se realizando, com outro grupo de consultores, e em 1993 foi fundada a Associação para o Desenvolvimento da Pedagogia Social no Brasil, com secretaria geral itinerante. (MORGENSZTERN, 1998)

A Pedagogia Social é uma nova estratégia para incluir o jovem no mundo do trabalho, do estudo e nas questões sociais como um todo, como: no convívio do dia-a-dia com as pessoas, na melhoria dos menos favorecidos economicamente e socialmente, criar condições necessárias para que as individualidades contribuam com a sociedade. “A Pedagogia Social visa nos auxiliar nessa tarefa, a luz da Antroposofia” (MORGENSZTERN, 1998)

A metodologia para trabalhar nas questões sociais envolve habilidades de conscientização para mudança do sujeito em relação aos seus valores e comportamentos frente à sociedade no qual vivem. Morgensztern comenta:

A metodologia ainda propicia uma profunda conscientização das pessoas envolvidas quanto a seus valores, missão de vida e o desenvolvimento das chamadas habilidades sociais: ouvir, falar, aconselhar, observar, negociar, decidir, perdoar etc. É um trabalho assim chamado “oficina interna”. É feito com muitas “vivencias”, seguidas de reflexões individuais e “resgates” nos grupos ao invés de discursos e palestras intelectuais. Também são estimuladas atividades artísticas, como pintura, modelagem, eiritmia e outro como suporte ao autoconhecimento. (Morgensztern, 1998)

A metodologia que o Pedagogo social trabalha é integrar o sujeito em atividades para o trabalho e educação, com o objetivo de resgate a pessoa humana, ou seja, do jovem em situações vulneráveis na sociedade. Metodologia essa que apresenta valores, missão de vida, habilidades sociais, atividades com arte, entre outros, transformando esse sujeito para conquistar seu espaço no meio social e habilidades de uma educação social que envolve trabalho comunitário.

## 2.2 Educação Social

A Educação Social é uma modalidade que trabalha com a comunicação e socialização dos menos favorecidos economicamente e que estão desintegrados na sociedade, aparece como uma nova estratégia, uma forma de promoção comunitária, para o desenvolvimento humano, a participação e a transformação social. Tem como objetivo amenizar o agravamento da pobreza, a crescente exploração, a discriminação social e as desigualdades sociais e exclusão.

Nos últimos anos do século XX, foi possível perceber uma mudança de época, com o surgimento da globalização através das novas tecnologias. Petrus (2003, p.56) relata sobre este assunto: “a globalização, a onipresente informática, a sociedade em rede, são algo, mas do que palavras. São indícios de uma alteração da realidade social que afeta desde a família até a relação democrática, sem esquecer, entretanto, dos meios de comunicação”. No entanto, é a partir do surgimento destas tecnologias, que surgiu uma nova estratégia para o regime escolar, adotando novas necessidades, como a educação social. O ser humano só é capaz de se desenvolver em todos os aspectos positivamente, se no meio na qual ele vive obter influências que lhe dêem condições para que possam se tornar um bom cidadão. A educação social oferece essa possibilidade de transformação do indivíduo oriundo de um meio cheio de conflitos e necessidades.

Os programas sociais que são inseridos nos municípios pelo Governo Federal, precisa aplicar trabalho que respeite a cultura e a origem dos cidadãos, para diminuir e acabar com a desigualdade social e o preconceito. É através destas políticas que poderemos detectar as necessidades para transformar e construir novas identidades. Petrus faz um breve comentário que se refere ao objetivo do surgimento destas novas políticas públicas:

A educação social esta obrigada a iniciar toda ação intercultural a partir do pressuposto: o respeito pela cultura de origem do cidadão. Se quisermos frear a atual tendência da desigualdade e da polarização social, pensamos que somente cabe uma estratégia: as políticas públicas. E dentro delas, acreditamos, a educação social terá a cada dia um papel mais importante, principalmente se for capaz de detectar corretamente as necessidades de todos aqueles que se vêem obrigados a construir uma nova “identidade”. (PETRUS, 2003, p.59)

Essas políticas públicas têm e terá esta missão de responsabilidade para trabalhar frente às desigualdades e exclusão social, valorizar a cultura de seu povo e região, ter

capacidade para construir novas identidades em cima dos valores e do que já existe em sua cultura. Através da educação social de qualidade estas ideias e políticas sociais passarão a fazer efeito para o melhor desenvolvimento dos jovens que vivem a margem da sociedade. Para isso é necessário algumas competências profissionais. Petrus cita Barcelona:

Educação social em nossa sociedade referimo-nos a educação social concebida como adaptação, como, socialização, como recurso para a aquisição de competências sociais, como didática do social, como ação profissional socioeducativa qualificada, como ação frente à inadaptação como formação política do cidadão, como fator de prevenção, controle e mudança social, como trabalho social educativo, como geradora de novas demandas sociais. (PETRUS, 2003, p. 55 cita BARCELONA, 1998, p. 9-39)

É necessário qualificação, capacitação, trabalho, competência e identificação pelo que esta fazendo, agindo e interagindo com todos os envolvidos nesta dinâmica social. Este trabalho de integração social visa prevenir, controlar e mudar o sujeito para novas perspectivas pessoal e social. Portanto a escola precisa mudar sua ótica para rever os conflitos vivenciados pelos jovens de classe popular, prevenindo para a não integração no mundo da marginalidade e delinquência.

A escola não pode se mostrar despercebida frente aos problemas sociais dos alunos precisa capacitar para viver em sociedade, e isso se confirma no que Petrus (2003, p. 60) comenta: “Se o objetivo da educação é capacitar para viver em sociedade e se comunicar, é preciso admitir em algumas ocasiões, a escola adota certa atitude de reserva frente aos conflitos e problemas sociais dos alunos”. A educação escolar e social deve trabalhar de forma integrada, no qual consigam refletir e solucionar os problemas que envolvem as crianças e jovens. A educação escolar e a social são responsáveis para contribuir com a mudança social e pessoal do sujeito, tem esse papel fundamental de transformação. Com essa nova modalidade que é a educação social, que está se integrando a educação escolar ou regular, com o objetivo de contribuir para ensino humanitário e preventivo. Petrus (2003, p. 61) “A educação social deve abrir novos espaços de reflexão e trabalho e o que é mais importante, deve incidir nas causas dos problemas; deve prevenir as causas que os geram”.

É preciso que a escola apresente um trabalho que envolva todos os conflitos e problemas sociais, em todos os aspectos que a sociedade apresenta, como: a televisão, violência, marginalização, drogas, gangues, prostituição entre outros, e para lidar com as emoções é um desafio que a educação social trabalha.

Sobre a preocupação que a instituição escolar deve ter diante da problemática social e emocional. Petrus aponta:

O conflito e a violência, por exemplo, não pode ser conteúdos alheios a educação escolar. A escola tem que se abrir para a sociedade e para seus problemas, não se proteger no nobre objetivo dos conteúdos instrutivos. A instituição escolar tem de se preocupar também com a educação social. Na escola pode se falar se for preciso, das emoções, dos conflitos sociais, da televisão, da marginalização, da violência, das tribos urbanas, da droga e das gangues. (PETRUS, 2003, p. 62)

Quando se trata das problemáticas sociais e emocionais que a escola precisa resolver e trabalhar com crianças e jovens, precisa pensar na família porque trabalhar com a família é importante, ajuda nos relacionamentos diários, porque não adianta instruir e educar o jovem se a família deste é desestruturada. Ainda precisa muito para que a escola seja capaz de resolver estas questões. Assim Petrus (2003, p. 63) comenta que: “A raiz do problema é que a escola não é capaz, por si, mesma, de solucionar os complexos problemas da população infantil e juvenil, como tampouco pode resolver as dificuldades da instituição familiar.”

A educação social e regular trabalha com jovens de diferentes comportamentos e classes sociais, e é através destes aspectos que a escola não está preparada para trabalhar com certos comportamentos que os alunos apresentam. Um dos motivos que leva esta dificuldade está na falta de educação familiar, diante disso a família é modelo que a criança têm. Comportamento desviante por parte do alunado vem se apresentar na escola, como: sem limite, não controla seus emocionais, apresenta agressividade, violência, e através disso fica muito difícil para o educador corrigir seus atos. Portanto os educadores se sentem despreparados para lidar com estes comportamentos. É preciso envolver toda a comunidade, (pais, alunos e educadores), para não trabalhar apenas com o aluno, que provavelmente terá pouco resultado, porque o trabalho só poderá ser eficiente se envolver também a família.

A Pedagogia no Brasil desde 1930 vem pensada e atuada na educação formal e regular, e pouco se trabalha nas questões sociais. Pois até hoje poucas são as pessoas que são habilitadas para o trabalho com a educação social. Segundo Machado:

Desde 1930, o curso de Pedagogia no Brasil, tem se centrado nas questões relacionadas à formação do educador para atuar na educação formal, regular e escolar. Com regulamentações ocorridas em 1939, 1962 e 1969, com pouca flexibilização e inovações nos projetos das instituições formadoras, contendo apenas um currículo mínimo indicado que era implantado com referência nacional. Em

1996 a Reforma da Educação rompe com a tradição da oferta padrão – o currículo mínimo é substituído por diretrizes curriculares – além de possibilitar diversidade e diversificação de projetos educacionais. (MACHADO, 2002)

A educação não está restrita apenas à escola regular, atua também nas questões sociais que envolvem as crianças e os jovens em situações críticas. A capacitação e a formação de profissionais que se adaptem e identifiquem com este trabalho é importante para a qualidade do trabalho. A partir de 1996 no Brasil surge a educação social, Segundo Machado (2002) “A pedagogia Social se insere no debate como a ciência que referenda políticas de formação do educador para atuar na área social e como prática intervencionista, justificando-se, assim, a dimensão teórica - prática nesta discussão”. Apesar de no Brasil a Pedagogia Social ser algo desconhecido em relação às abordagens teóricas e à qualificação profissional, está presente em intervenções de diferentes naturezas, e uma delas é nas políticas públicas. Como exemplo de espaços de atuação, podemos citar Programas como: Projovem, PETI, CREAS. Machado apresenta:

Na LDB de 1996 que amplia a concepção de educação incluindo novos agentes e espaços educativos. No Brasil, na década de 60, destacam-se os modelos de educação popular com a abordagem teórica desenvolvida por Paulo Freire para a educação de adultos com abordagem teórica desenvolvida por Paulo Freire. ...Freire difundiu-se e influenciou nas campanhas de alfabetização. Machado (2002 apud LDB, 1996)

Mais projetos são constatados na educação social, Machado comenta:

Na América Latina a educação popular se amplia na atenção a estruturas sociais diversificadas e com projetos educacionais relacionando a: programas relativos à população indígena..., pesquisa participativa em ação ao resgate a cultura e conhecimento popular..., participação comunitária..., educação popular relacionadas às questões da terra..., formação política por meio de recursos e atividades educacionais – alfabetização e necessidades de classes marginalizadas – para organização e mobilização na contestação de estruturas sociais e o poder do Estado. (MACHADO, 2002)

A Pedagogia Social trabalha com infância e juventude que surgiu a partir da necessidade de abrigar órfãos e desabrigados na Alemanha no pós-guerra, e daí surgiu esse trabalho de intervenção social, que beneficia a essas categorias que precisam ser amparados e inseridos no meio social para se desenvolver com dignidade. Machado comenta:



A pedagogia pode ser organizada por grupos e em específico a Pedagogia Social como doutrina de beneficência pro - infância e adolescência. Uma concepção voltada para atender a necessidades sociais, que extrapola a visão tradicional da educação escolar por se propor a intervir na sociedade. Surgiu no contexto de necessidade pós-guerra, na Alemanha, de atendimento a órfãos e desabrigados, inicialmente dirigida a crianças e, posteriormente, a juventude e a adultos. São representativos autores como Nohl; Mollenhaner; Bauner e Wilhelm. Nessa concepção, inclui-se o Trabalho Social. (MACHADO, 2002)

O profissional da pedagogia social se define pelo social, em função de seu trabalho, e pelo caráter interativo de sua ação pela demarcação teórica devido à ideologia, filosofias e visão antropológica. Machado cita Quintana que aponta algumas especialidades que cabe ao educador social:

Atenção à infância com problemas (abandono, ambiente familiar desestruturado...);  
Atenção à adolescência (orientação pessoal e profissional, tempo livre, férias...);  
Atenção à juventude (política de juventude, associacionismo, voluntariado, atividades, emprego...);  
Atenção à família em suas necessidades existenciais (famílias desestruturadas, adoção, separações...);  
Atenção à terceira idade;  
Atenção aos deficientes físicos, sensoriais e psíquicos;  
Pedagogia hospitalar;  
Prevenção e tratamento das toxicomanias e do alcoolismo;  
Prevenção da delinquência juvenil. (reeducação dos dissocializados);  
Atenções a grupos marginalizados (imigrantes minorias étnicas, presos e ex-presidiários);  
Promoção da condição social da mulher;  
Educação de adultos;  
Animação sócio-cultural. (MACHADO apud QUINTANA, 2002)

Diversas são as especialidades que a educação social atua, analisando percebemos o quanto é importante esse trabalho, envolvendo crianças, adolescentes, adultos e idosos, que estão em situações desfavorecidas e fragilizadas, precisando de apoio, atenção, afeto, prevenção, educação e emprego.

### **2.3 - Educador Social e o seu trabalho**

O educador social é um sujeito dinâmico, reflexivo, comunicativo, afetivo e acolhedor, trabalha com causas sociais, cujo público são pessoas necessitadas e fragilizadas. O trabalho do educador social possui um perfil diferenciado, olhar crítico e analista, necessita estar sempre em busca de novos conhecimentos, refletindo sobre situações que permitam uma transformação ou uma evolução no comportamento social, habilidade e capacidade de promover a liberdade e a igualdade entre todos, trabalho ligado diretamente a pessoas que se sentem inferiorizados por sua condição social e econômica, e por estes motivos são vítimas de



preconceito. “Por meio da comunicação e da cultura tomamos consciência das coisas e graças à educação adquirimos os valores, por exemplo, da competitividade ou da solidariedade, do egoísmo ou companheirismo, do individualismo ou do respeito às diferenças” (PETRUS, 2003, p.52).É através de um trabalho de dedicação e empenho que podemos ir muito além do que a escola propõe, e é possível repensar e adaptar a necessidade atual, educação é participação social. Nessa linha de pensamento, Petrus destaca:

A educação é algo que vai muito além da influência do sistema escolar. A escola é, possivelmente, a mais importante instituição criada pelo homem moderno, mas deve ser repensada e adaptada às novas necessidades do mundo de hoje. ... A educação é, além de instrução, aquisição de competências sociais, é participação social. (PETRUS, 2003, p. 53)

São muitas as dimensões educativas nos contextos que envolvem o trabalho social de mudança, que possa transformar aqueles que estão inseridos nos programas sociais, como as crianças e jovens da classe popular, pois o educador social tem esse objetivo de aplicar o trabalho com amor, para que a escola seja um lugar prazeroso e acolhedor. Petrus enfatiza:

Os espaços sociais em mudança, a importância do meio e do contexto, a ação social, as relações interculturais, as cognições sociais do cidadão, assim como suas posteriores condutas, o dramatismo do estagio, a competitividade como alternativa ao princípio de prazer, os estereótipos sociais negativos, o modelling televisivo, a educação para a inclusão, a educação com humor e amor em vez da fórmula luliana (de Ramon Llull) de “educar com temor e amor” são alguns dos múltiplos exemplos das dimensões educativas das atividades sociais e culturais. É evidente, pois, como diz Nohl, que a escola pode ser um lugar perigoso se não é capaz de abrigar alguns dos novos espaços da educação social. (PETRUS, 2003, p. 54)

A profissão do educador social está se definindo aos poucos, enquanto se desenvolve as próprias experiências em educação social. Contudo, podemos observar que este trabalho atua tanto no campo do social quanto no campo da reflexão. Com isso o perfil do profissional e suas competências são definidos em sua prática. Romans chama a nossa atenção.

O perfil profissional e as competências que os educadores sociais necessitam estão se tornando claros à medida que vão se difundindo as funções de ditos profissionais por meio da difusão de estudos sobre o tema, da especificação de tarefas que as administrações públicas fazem dos mesmos, das contribuições provenientes das associações que trabalham no campo do social e da reflexão que os próprios educadores realizam sobre a prática. (ROMANS, 2003, p. 115)

Por não ser definida a profissão e a identidade do educador social, acreditamos que o resultado insatisfação no trabalho. Os profissionais são inseridos neste campo de atuação, pensando que não precisam de uma qualificação previa e, diante disso, o profissional se sente “perdido” neste tipo de serviço que é tão importante para as comunidades. Romans destaca:

Porque eles se dão conta de que não se realizam o trabalho para o qual foram preparados ou contratados, e a instituição, porque acredita que para tarefas, “variadas” não precisam de profissionais tão qualificados que a ausência de educadores em muitas instituições se justifica precisamente por este desconhecimento de seus trabalhos, obteremos de como resultado de que atualmente esta acontecendo em muitas delas: elas ainda não contam com um profissional orientado para a educação social. (ROMANS, 2003, p. 119)

É dever de qualquer instituição de prestar um serviço social educativo, seja privado ou público, qualifique o profissional e disponibilize matérias para que o trabalho tenha um percurso satisfatório e envolvente para aqueles ingressos e para o profissional que executa. “definido um marco de atuação; que pode estar integrado em equipes de trabalho; que dispõem de recursos institucionais públicos e/ou privados e que requer uma formação continua para aperfeiçoar seu desenvolvimento pessoal e melhorar no exercício de sua profissão” (ROMANS, 2003, p. 124).

As competências que o educador social precisa para exercer a profissão com eficiência, é em primeiro item o conhecimento, e ajudara na elaboração de projetos, em seguida a capacidade de fazer um trabalho significativo e atitude para mobilizar o que planeja e acredita na mudança do sujeito. Romans enfatiza:

Propomos três grandes tipos de competências, suscetíveis de ser melhoradas com o treinamento e a formação, e que são: os conhecimentos, capacidades e as atitudes que os educadores sociais necessitam no exercício de sua profissão. Capacidade de elaborar projetos educativos, intervir no plano educativo, trabalhar em equipe, formação continua, gerir recursos. (ROMANS, 2003, p. 125-127)

Esses são os requisitos básicos que o educador social precisa para fazer um bom trabalho em equipe, além de capacidade, métodos, técnicas, recursos, precisa ser simpático, escutar o outro, ter boas respostas as perguntas, caráter otimista, aberto para colaborar com a equipe, dinâmico, criativo, comunicativo, analista, maturo e reflexivo (ROMANS, 2003, p. 128-129). Precisa ter uma postura ética e ter compromisso frente a esses jovens que devido a várias circunstancias da vida na particularidade de cada jovem já sofreram toda ordem de indiferença e exclusão. Mostrar respeito, carinho, amizade, companheirismo e que são

importantes. No entanto através destas atitudes ajudarem esses jovens no caminho de sucesso na sua trajetória de vida. Todas essas habilidades só são possíveis quando esse profissional no âmbito social se identifica com o trabalho e quando ele se capacita, além disso ter recursos para fazer um bom trabalho, a partir disso, é importante saber se relacionar de forma interativa. Sobre a importância da formação contínua dos educadores para exercer um trabalho de intervenção com eficiência e habilidade. Romans comenta:

A formação contínua dos educadores sociais necessita de inputs que ajudem a cumprir com os objetivos educativos previstos em suas intervenções. Nesse sentido, necessitarão de elementos de formação orientados para a tarefa, uns dirigidos para as habilidades e outros dirigidos para seu crescimento e desenvolvimento pessoal. (ROMANS, 2003, p. 131)

Esses educadores, que trabalham no âmbito social, geralmente desenvolvem trabalhos com comunidades menos favorecidas economicamente, e com pessoas que se envolvem em atos delinquentes. “Se pretendêssemos, e é o que apoiamos uma educação social favorecedora do crescimento integral do indivíduo e do pleno desenvolvimento da comunidade, estaríamos falando de “educadores transformadores da realidade social, sujeitos ativos e reflexivos” (ROMANS, 2003, p.133).

Portanto, o trabalho do educador social é muito importante para a sociedade, porque ele tem um papel fundamental na transformação do sujeito que vive à margem da sociedade, como também preventivo, a jovens que possivelmente vierem se envolver com situações de risco social. O educador social pode resgatar vidas, mudar a visão das pessoas em relação ao mundo e levar a consciência e perspectiva de um mundo melhor, o crescimento intelectual dos jovens, a mudança de vida de alguns jovens que estão no Projovem Adolescente, com melhor perspectiva de vida, e é preciso capacitação e material para os profissionais fazer um bom trabalho.

#### **2.4 - Tempos e espaços da educação não formal**

O Projeto do Governo Federal, coordenado pelo MDS, Projovem Adolescente, foi criado com o objetivo de ingressar o jovem que faz parte de um quadro social de exclusão e desigualdade social, a obter mediadas socioeducativas, ajudando este a ter direito ao lazer, esporte, trabalho, saúde, educação, auto-estima, autonomia, capacidade e autonomia para

sobreviver no futuro e afastar dos malefícios sociais, promovendo sempre seus direitos e deveres. Trabalho realizado por Orientadores e Técnicos, dinâmico e interativo, onde o diálogo, carinho, amor e amizade prevaleceram em todas as circunstâncias.

#### **2.4.1 - Estratégias de educação não-formal: O Projeto do Governo Federal Projovem Adolescente.**

O Projovem Adolescente é um programa criado pelo Governo Federal, que tem como objetivo, reduzir à pobreza, a desigualdade social, a erradicação da fome, a promoção da autonomia e da inclusão social das famílias brasileiras em situação de vulnerabilidade e a partir disso, desenvolver o crescimento econômico. Projovem, criado em 2005, ampliando sua faixa etária para o público de 15 a 29 anos, criando em quatro modalidades e uma delas é o Projovem Adolescente. O novo Projovem Adolescente foi lançado em setembro de 2007 pelo Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, e posteriormente regulamentado pela Lei nº 11.629, de 10 de junho de 2008. Serviço Socioeducativo integra a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), política pública de proteção social de caráter universalizante, que se materializa por meio do SUAS, compostas por uma rede articulada e orgânica de serviços, programas, projetos e benefícios Socioassistenciais.

Projovem Adolescente, coordenado pelo MDS, Art. 10. O Projovem Adolescente - Serviço Socioeducativo destina-se aos jovens de 15 a 17 anos: I - pertencentes à família beneficiária do Programa Bolsa Família (PBF); II - egressos de medida socioeducativa de internação ou em cumprimento de outras medidas socioeducativas em meio aberto, conforme disposto na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - ECA; III - em cumprimento ou egressos de medida de proteção, conforme disposto na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990; IV - egressos do PETI; ou V - egressos ou vinculados a programas de combate ao abuso e à exploração sexual. Parágrafo único. Os jovens a que se referem os incisos II a V do caput deste artigo devem ser encaminhados ao Projovem Adolescente - Serviço Socioeducativo pelos programas e serviços especializados de assistência social do Município ou do Distrito Federal ou pelo gestor de assistência social, quando demandado oficialmente pelo Conselho Tutelar, pela Defensoria Pública, pelo Ministério Público ou pelo Poder Judiciário.

Estas políticas sociais voltadas para jovens exposto a violência e ao desemprego, para proteger e promover os jovens e suas famílias, integração de transferência de renda e os serviços socioassistenciais. O jovem recebe um auxílio de R\$ 30,00 mensais por jovem, até a quantidade máxima de dois jovens por família. tais como o PBF e o Serviço de Proteção e Atenção Integral à Família (PAIF), implementados no CRAS, que supervisiona a execução do serviço, e aos programas e serviços de proteção social especial executado pelo Centro de CREAS, voltados aos jovens, às famílias e à comunidade que se da de forma complementar.

O Programa Projovem Adolescente vai além destes itens citados, como transferência de renda e bens materiais, Trata-se de associar serviços e benefícios que permitam a prevenção de riscos e contribuam para o reforço da auto-estima dos jovens, o desenvolvimento de sua autonomia e capacidade de sobrevivência futura, bem como para a ampliação de seu acesso e usufruto à cultura e aos bens sociais.

O traçado metodológico, elaborado pelo MDS, proporciona, às equipes profissionais e aos gestores responsáveis pelo Projovem Adolescente em todo o País, as bases conceituais e os subsídios teóricos e práticos necessários à estruturação e desenvolvimento de um serviço socioeducativo de qualidade. Os conteúdos e atividades teóricas e práticas, envolvem seis temas transversais, relacionando juventude e direitos humanos e socioassistenciais, cultura, esporte e lazer, meio ambiente, saúde e trabalho.

O Grupo Interministerial realizou o diagnóstico que aponta os grandes desafios que passaram a orientar os esforços do governo para a construção de um lugar digno para o jovem: que são: Ampliar o acesso e a permanência dos jovens na escola de qualidade; erradicar o analfabetismo entre os jovens; prepará-los para o mundo do trabalho; gerar trabalho e renda; promover vida saudável; democratizar o acesso dos jovens ao esporte, ao lazer, à cultura e à tecnologia da informação; promover os direitos humanos e as políticas afirmativas; estimular a cidadania e a participação social dos jovens; melhorar a qualidade de vida dos jovens no meio urbano, rural e nas comunidades de referência.

A ação socioeducativa no Projovem Adolescente é compreendida como uma intervenção formadora, deliberada, planejada e participativa que cria situações desafiadoras que estimulam a capacidade reflexiva e crítica dos jovens e os orienta na construção e reconstrução de suas vivências na família, na escola, na comunidade e na sociedade, contribuindo para o processo de formação de sua identidade pessoal, de futuro profissional e de cidadão.

Esses propósitos da ação socioeducativa se desdobram, visando: valorizar a pluralidade e a singularidade da condição juvenil e suas formas particulares de sociabilidade e sociabilidade; sensibilizar os jovens para os desafios da realidade social, cultural, ambiental e política de seu meio social; reconhecer, garantir e ampliar direitos; estimular práticas associativas e as diferentes formas de expressão dos interesses, posicionamentos e visões de mundo dos jovens no espaço público; introduzir conhecimentos do mundo do trabalho e desenvolver habilidades gerais e capacidades transversais úteis à vida profissional; orientar para as escolhas profissionais conscientes e promover a inclusão digital.

Os eixos estruturantes do Projovem Adolescente – Serviço Sócio educativo, como a convivência social, que o convívio é parte da dinâmica social na qual se desenvolve o sentimento de pertença, a construção da identidade e a afirmação da individualidade. Participação cidadã é a formação para a cidadania supõe a sensibilização e o desenvolvimento da percepção dos jovens sobre a realidade social, econômica, cultural, ambiental e política em que estão inseridos, especialmente sobre a condição juvenil; a apropriação de seus direitos de cidadania e o reconhecimento de deveres; o estímulo ao desenvolvimento de práticas associativas e de formas de expressão e manifestação de seus interesses, visões de mundo e posicionamento no espaço público. Mundo do trabalho é a formação para o mundo do trabalho define-se aqui como processo vital e educativo que contribui para tornar possível aos jovens a sua existência autônoma e a sua cidadania.

As dimensões metodológicas do Projovem Adolescente visam o desenvolvimento integral dos jovens, e estão apoiadas nas seguintes dimensões: dialógica - na troca de idéias e experiências; reflexiva - postura crítica a partir da reflexão sobre o cotidiano; cognitiva – a ampliação da capacidade de analisar, comparar, refletir não só sobre o que se aprende, mas sobre como se aprende. Afetiva – o desenvolvimento e ampliação de relacionamentos interpessoais. Ética – o exercício da participação democrática, da tolerância, da cooperação, da solidariedade, do respeito às diferenças nas relações entre os jovens e entre estes e a equipe de profissionais, para o desenvolvimento de princípios e valores relacionados aos direitos, à dignidade humana, à cidadania e à democracia. Estética – o estímulo ao desenvolvimento das sensibilidades estéticas na perspectiva da percepção do outro em suas diferenças, independentemente dos valores e padrões impostos como mecanismos de exclusão e invisibilidade social. Lúdica – o estímulo ao espírito de liberdade, à alegria de viver, ao desenvolvimento integral de todas as potencialidades humanas, valorizando o jogo e a

brincadeira no jeito de ser jovem e favorecendo a livre expansão das individualidades, base para uma real emancipação humana.

Espaços de sociabilidades e socialização envolvem os jovens e suas comunidades; os grupos juvenis; suas famílias; a escola e as instâncias políticas. Assim procura valorizar os espaços sociais que fazem parte do seu cotidiano como espaços de participação que dialogam sobre os acontecimentos e os relacionamentos que integram o seu modo de vida.

As instalações físicas e demais recursos materiais disponibilizados ao Projovem Adolescente devem contribuir para a criação de uma ambiência adequada e favorável ao desenvolvimento das ações socioeducativas. Ambientes amplos, limpos, arejados, bem iluminados e bem conservados, com espaços, mobiliário e materiais suficientes e adequados, ajudam a criar esta ambiência, contribuem para a auto-estima dos jovens e também para que estes se cor responsabilizem com o cuidado das instalações e o uso responsável dos recursos. Inversamente, a inadequação das instalações físicas e a falta ou inadequação de recursos materiais necessários às atividades podem prejudicar o desenvolvimento das atividades e condicionar atitudes e comportamentos desfavoráveis dos jovens.

Outro item é a equipe de referência do Projovem Adolescente, Orientador Social e Facilitadores de Oficinas de Convívio e da Formação Técnica Geral (FTG). Cabe ao Orientador Social planejar, organizar e executar as ações socioeducativas, especialmente os encontros de cada coletivo, bem como integrar os demais profissionais da equipe ao planejamento geral do serviço socioeducativo, articulando e integrando todas as ações. Ser referência fundamental para os jovens, ter compromisso, estabelecer vínculos e postura para ser exemplo de ser humano para estes jovens.

O FTG desenvolverá com os jovens os conteúdos e atividades, cujas Oficinas consistem de dinâmicas teóricas e práticas sobre conhecimentos do mundo do trabalho, para um Projeto de Orientação Profissional (POP) e aprimoramento das competências comunicativas, habilidades e capacidades transversais, por meio da utilização de diferentes técnicas e recursos de comunicação, incluídas as digitais. Deverão ter formação específica ou reconhecida atuação nessas áreas, Oficinas deve valorizar as diferentes manifestações corporais (jogos, esportes, danças, ginástica, circo, entre outras) de interesse dos jovens. As Oficinas são também espaços privilegiados para o reconhecimento das manifestações esportivas e culturais do território, do município e da região.

Seleção e formação dos profissionais da equipe de referências têm como principal componente para o sucesso do Projovem Adolescente é o elemento humano, a qualidade dos

profissionais que compõem a equipe de referência do serviço socioeducativo. Para se atingir esta qualidade, além de uma remuneração condigna e da oferta de condições adequadas de trabalho, há duas estratégias complementares e fundamentais: uma boa seleção, por meio de concurso público, e um processo de formação continuada dos profissionais. O planejamento, quando é dimensionado como um processo dinâmico de preparação, execução, avaliação e sistematização das ações socioeducativas, deve ser permanentemente ajustado em função de novos desafios que vão se apresentando no processo de trabalho. (BRASIL, 2009)



## CAPÍTULO III

### **EDUCADOR SOCIAL E O CURRÍCULO: TRABALHO REALIZADO NO PROJOVEM ADOLESCENTE EM SOLEDADE-PB: PRÁTICAS E MEMÓRIAS.**

O trabalho no Projovem Adolescente em Soledade no ano de 2010 foi baseado pelo Traçado Metodológico, com turmas que são divididas por ciclos e idades, os jovens ingressantes no ciclo I e para os veteranos o ciclo II, e o trabalho realizado nestes ciclos são através de temas transversais que orientou as atividades realizadas no programa, não foi possível seguir completamente este currículo, pela falta de capacitação, material, equipamento e apoio, mas muitas atividades foram possíveis, através da força de vontade que a equipe teve para desempenhar o trabalho junto a estes jovens.

#### **3.1- O ciclo I e II e os seus Percursos Socioeducativos**

O currículo atuado no Projovem Adolescente é baseado pelo traçado metodológico, através dos ciclos, I e II que desenvolvem em Percursos Socioeducativos. Cada um destes percursos articula os eixos estruturantes e temas transversais, a partir de objetivos específicos, para orientar o trabalho dos profissionais, com sugestões de atividades teóricas e práticas, com indicação de métodos, técnicas, recursos e materiais necessários à sua realização. Textos de apoio sobre os conteúdos de cada tema transversal e a explicação de conceitos-chaves que devem ser bem compreendidos e apropriados pelos Orientadores e jovens.

O Ciclo I é composto por quatro percursos, como: Criação do Coletivo, onde acontece o acolhimento do jovem, Consolidação, Pesquisador e Questionador, e o Ciclo II organiza-se a partir de um único percurso. Ciclo I enfatiza o eixo da “convivência social”, que trabalha os movimentos internos do coletivo, enquanto o Ciclo II recai sobre os eixos da “participação cidadã” e do “mundo do trabalho” voltado à ação coletiva no espaço público e à formação para o mundo do trabalho. O Ciclo I está voltado para a “convivência social” que objetiva facilitar uma boa convivência entre os jovens, e a partir disso promover e priorizar os movimentos internos do coletivo para refletir e reconhecer a realidade do território e desenvolve o convívio com a família, os jovens entre si, amigos, a comunidade em geral,

grupos e instituições das quais participam, impulsionando sentimentos de carinho, respeito, solidariedade e aprender a conviver e respeitar as diferenças. “O Ciclo I tem por objetivo tornar o Coletivo um espaço de referência formativa e de convívio afetivo, lúdico e solidário para os jovens, que gera oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e instiga novos interesses” (BRASIL, 2009, p. 44).

Cada coletivo comportou aproximadamente 30 alunos, mas durante o ano essa demanda foi diminuindo. Houve um bom entrosamento entre eles, e também um ótimo relacionamento com os educadores, no qual o respeito às diferenças, a atenção e o diálogo foi prioridade no trabalho. Foi incentivada a criatividade dos jovens através das oficinas, que produziam trabalhos de acordo com os temas transversais que estavam sendo aplicados, como por exemplo, meio ambiente: os jovens produziam cartazes que incentivassem a preservação ao meio ambiente, plantaram mudas para arborizar o local.

Em relação à saúde, construíram horta para complementar a merenda, cartazes que alertava quanto aos perigos das drogas lícitas e ilícitas, gravidez na adolescência, DSTs, e a importância da higiene corporal. Portanto, em todos os temas foi incentivada a criatividade dos jovens nas oficinas, e com isso, foi acontecendo à interação, o convívio, respeito e amizade. A família teve pouca participação no trabalho com os jovens, pois foram poucas vezes que os pais freqüentaram as atividades no Projovem Adolescente, apenas quando era exigida a presença em reuniões de pais. Sobre a formação do coletivo, Brasil aponta que:

O termo Coletivo é utilizado no Programa Nacional Projovem-Adolescente, não no sentido rotineiro de classe ou turma escolar. Trata dos agrupamentos dos jovens no Programa em espaços não-escolares, sendo cada Orientador responsável tanto pela busca, como cadastro inscrição e o desenvolvimento das atividades de segunda a quinta-feira durante um período do dia. (BRASIL, 2009, P. 44)

Os três eixos estruturantes articulam os temas transversais e visam aprofundar o conhecimento dos jovens sobre a realidade local em que vivem contribuir para a construção de uma visão de mundo abrangente e o fortalecimento do Coletivo. Portanto, o trabalho dos educadores do Projovem Adolescente em Soledade contribuiu para que esse conhecimento da realidade local fosse de fato vivenciado, através dos passeios em feiras livres, em museus, sítios arqueológicos, visitas a patrimônio histórico, tanto local como nas cidades da região, eventos que valorizam a cultura regional, como: exposição de animais na festa do bode, dos trabalhos dos jovens do Projovem Adolescente em Gurjão – PB, apresentação da quadrilha do

Projovem Adolescente nas cidades vizinhas, passeio a lazer na fazenda Santana, Galante - PB. Isso possibilitou aos jovens o entrosamento entre eles, amizades, fortalecimento dos coletivos, conhecimento da realidade local e uma visão de mundo. A carga horária que é estabelecida no Traçado Metodológico para o ciclo I, no trabalho é de acordo, Brasil aponta:

Um total de 600 horas de trabalho com os jovens, distribuídas e organizadas em quatro Percursos Socioeducativos, com aproximadamente três meses de duração cerca de 150 horas cada um. O tempo consagrado, na prática, ao desenvolvimento de cada um dos Percursos Socioeducativos poderá ser flexibilizado para acomodar ajustes de programação, a partir de uma avaliação contínua e sistemática das necessidades do coletivo, visando ao alcance dos objetivos pré-estabelecidos. Para o Ciclo I estão estimadas cerca de 260 horas para atividades teóricas e práticas relacionadas aos temas transversais, desenvolvidas em encontros sob a responsabilidade do Orientador Social, e 340 horas para a realização de Oficinas de Cultura e Esporte e Lazer, sob responsabilidade dos respectivos Facilitadores de Oficinas e do Orientador Social. (BRASIL, 2009, p. 44)

A carga horária não foi possível ser totalmente cumprida, porque funcionava, pela manhã, na zona rural, e nem todo dia tinha transporte disponível. À tarde esse trabalho funcionava na zona urbana, mas o local era inapropriado porque tinha muito barulho e mal arejado, com tempo reduzido de trabalho. O Projovem Adolescente funcionava praticamente quatro dias na semana, a segunda para os educadores se reunirem e planejarem o trabalho, na terça, quarta e quinta, realizava o trabalho diretamente com os jovens, com teorias e praticas sobre os temas transversais, oficinas e palestras.

O ciclo II tem dois eixos que são a “participação cidadã” e o “mundo do Trabalho”, a participação cidadã sensibiliza os jovens na questão da participação e no envolvimento com a cultura, social, ambiental, econômico e política, e desenvolvidas experiências juntamente com o Orientador Social para benefício da comunidade local e em outras regiões. O mundo do trabalho está voltado para ação coletiva no espaço público, valorizando a expressão e a comunicação, ampliando os horizontes dos jovens e consolidando o seu processo de inclusão social. Vai possibilitar ao adolescente, refletir sobre a sua futura profissão, instigando a buscar mais conhecimento e obter uma boa perspectiva de vida.

O trabalho com os jovens não foi separados por ciclos, todos tiveram acesso as mesmas atividades, e trabalhamos dessa forma, por causa da dificuldade que os educadores enfrentavam, de vários problemas existentes, como: escassez de material, dificuldade para levar a zona rural equipamentos para apresentar, palestras, filmes e documentárias. O que

diferenciou para os jovens que faziam parte do ciclo II, é que antes de saírem do programa foram convidados a participar de alguns cursos que permitiam ingressarem no mercado de trabalho, como o curso de cabeleireiro, manicure e pedicura, cortecostura, culinária e aprendizagem básica de informática, como: Word, Excel, Windows, internet e manutenção de micro, promovido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). A carga horária que é apresentada no caderno do traçado metodológico para o ciclo II, está na mesma condição que foi mostrada no trabalho do ciclo I em Soledade, ou seja, não foi cumprida a rigor, por causa da dificuldade de transporte, e outros fatores que impediam os educadores de trabalhar. Brasil destaca:

Estão estimadas, para o Ciclo II, 240 horas de trabalho com os jovens, sob responsabilidade do Orientador Social, para o desenvolvimento das ações de Participação Cidadã, incluindo encontros de reflexão, planejamento, execução, monitoramento, avaliação e sistematização do Plano de Atuação Social (PLA). Também estão estimadas outras 240 horas para as Oficinas de Formação Técnica Geral/FTG, nas quais os jovens vão vivenciar e apreender conceitos relativos ao mundo do trabalho, ampliar suas competências comunicativas, incluir-se no universo digital e construir um Projeto de Orientação Profissional (POP). Para as Oficinas de Cultura, Esporte e Lazer, também de responsabilidade do Orientador Social, estão previstas 120 horas. (BRASIL, 2009, p. 46)

Os planejamentos foram possíveis ser cumpridos, porque os educadores não dependiam de transporte para reunir o grupo. Mas para as oficinas, o mundo do trabalho e universo digital, apenas uma boa parte dessa carga horária foi trabalhada. Com relação às oficinas de esporte e lazer houve bastante êxito na carga horária, participação e frequência, pois estes itens tinham bastante participação dos jovens.

### **3.2 - Análises dos educadores sociais entrevistados.**

As entrevistas foram realizadas com três educadoras que fizeram e fazem parte do trabalho com jovens em programas sociais. Duas são orientadoras, com nível superior, e uma facilitadora com superior incompleto. Também foi socializada neste trabalho a minha participação como facilitadora e autora desta monografia. Os nomes das educadoras foram preservados sua identidade, apresentando nomes fictícios. Apresentamos como foi desenvolvido o trabalho com os jovens no Projovem adolescente em Soledade–PB, a partir do

ano de 2010. As orientadoras têm superior completo, tanto em História como em Serviço Social, enquanto as facilitadoras têm superior incompleto em pedagogia e geografia.

O público que participa do Projovem está estabelecida na lei de diretrizes que rege o Projovem, Artigo 8º destaca:

Os participantes do curso do Projovem moram nas cidades brasileiras, encontram-se excluídos da escola e do trabalho, apresentam marcas de discriminação étnico-racial, de gênero, geracional e de religião, revelando trajetórias pessoais diferenciadas, marcadas tanto por experiências de risco e situações de violência, geradoras de autodesvalorização e construtora de identidades coletivas marcadas pela exclusão social. (ARTIGO 8º, 2006, p. 7)

Este programa atende basicamente este público que precisam do trabalho de resgate social da sua identidade, que promova auto-estima. Tem mais características para o ingresso no Projovem Adolescente. Brasil:

O Projovem Adolescente, coordenado pelo MDS, é voltado para jovens de 15 a 17 anos de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família e jovens vinculados ou egressos de programas e serviços da proteção social especial, como o Programa de Combate à Violência e à Exploração Sexual e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, ou ainda jovens sob medidas de proteção ou socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente. (BRASIL, 2009, p. 1):

Todos estes jovens que estão em alguns destes itens são ingressos no Projovem adolescente para ocupar o tempo livre e não se envolver com atividades que sejam nocivas para a construção de sua identidade. Mas no Projovem Adolescente em Soledade, os que mais precisavam participar das atividades deixavam o programa cedo, como aqueles jovens que estavam envolvidos com atos delinquentes. As maiorias que freqüentavam o Projovem Adolescente recebiam o PBF. A experiência de trabalhar com os jovens para os educadores entrevistados, não foi fácil, pela falta de capacitação, material, ambiente, apoio, e para algumas se tornou até um trabalho difícil e frustrante.

A exigência que os educadores do Projovem Adolescente precisavam se submeter para desenvolver o trabalho com os jovens, veja o que cabe ao educador. No Art. 26º aponta:

Todos os docentes e gestores do Projovem participarão de um programa de formação inicial e continuada, o qual começa com cento e sessenta horas de preparação, antes do início do curso, devendo continuar ao longo das unidades formativas, com doze horas mensais de estudo, perfazendo trezentos e quatro horas de formação. (NO Art. 26º, 2006, p. 11)

Essa formação inicial e continuada não houve em nenhum momento para as educadoras do Projovem Adolescente em Soledade–PB, e foi um dos grandes pedidos não atendidos, no qual são relatados nas entrevistas, apresentando a dificuldade de desenvolver o trabalho de qualidade com os jovens por falta dessa capacitação. Observem o que esta Orientadora educacional comenta sobre a capacitação, Marta (orientadora educacional, 32 anos) “pois pedimos o tempo toda essa capacitação, na Secretaria de Ação Social, e nunca fomos atendidos, só promessas, e tivemos que desenrolar através do traçado metodológico, estudando aqueles módulos, pra trabalhar da melhor maneira possível”. No entanto todas fazem essa reclamação, que não foram atendidas.

No Traçado Metodológico apresenta como é o espaço ambiental e material para que o trabalho no Projovem Adolescente seja adequado para o desenvolvimento das atividades dos jovens. Brasil ressalta:

As instalações físicas e demais recursos materiais disponibilizados ao Projovem Adolescente devem contribuir para a criação de uma ambiência adequada e favorável ao desenvolvimento das ações socioeducativas. Ambientes amplos, limpos, arejados, bem iluminados e bem conservados, com espaços, mobiliário e materiais suficientes e adequados, ajudam a criar esta ambiência, contribuem para a autoestima dos jovens e também para que estes se cor responsabilizem com o cuidado das instalações e o uso responsável dos recursos. Inversamente, a inadequação das instalações físicas e a falta ou inadequação de recursos materiais necessários às atividades podem prejudicar o desenvolvimento das atividades e condicionar atitudes e comportamentos desfavoráveis dos jovens. (BRASIL, 2009, p. 39)

Em parte não foi possível esse ambiente agradável, e disponibilização de material para desenvolver as atividades, tanto para os educadores como para os jovens participantes do Projovem Adolescente. No entanto dificultou o trabalho da equipe, e ocasionou a baixa frequência dos jovens. As educadoras confirmam na entrevista essa realidade em seus depoimentos a escassez de material para desenvolver as aulas e oficinas, e comentam o inadequado espaço para o trabalho com os jovens. Fernanda (orientadora educacional, 26 anos) “faltou muito material didático, desenvolvendo algumas oficinas com recursos da própria equipe. A estrutura física da escola era boa, mas tava faltando uma serie de obras, manutenção para tornar o ambiente mais agradável, o transporte dificultou muito o trabalho”. Foi preciso remanejar os adolescentes para uma escola da zona rural, porque não tinha espaço na cidade.

Traçado Metodológico é bem claro em alguns itens necessários para o Projovem Adolescente, Brasil aponta:

Para suporte às atividades do coletivo, recomenda-se que os jovens possam dispor de equipamentos e recursos diversos, tais como: projetor multimídia e tela de projeção, máquina fotográfica, filmadora, aparelhos de som, TV, DVD, instrumentos básicos musicais (violão, berimbau, instrumentos de percussão), computador conectado à internet, pen-drive, softwares livres, livros e revistas, lousa, além de materiais de consumo básico (papel, canetas, pincéis, outros) e materiais esportivos básicos (bolas, raquetes, cordas, redes, outros) indicados para as atividades dos encontros e oficinas, estes últimos garantidos obrigatoriamente. É importante, ao longo do tempo, a constituição de uma biblioteca mínima, com material de leitura variado, e de uma videoteca, para utilização pelos jovens. (BRASIL, 2009, p. 26)

É notável que através das entrevistas, observamos que estes itens citados para o trabalho com os jovens, apenas alguns materiais esportivos básicos foi disponibilizado, mas toda essa gama de material citado no traçado metodológico não foi possível, e isso dificultou o trabalho e a equipe muitas vezes usou alguns equipamentos próprios para realizá-los. Marta (orientadora educacional, 32 anos) “nunca conseguiu atingir aos objetivos que planejavam, pela escassez de material muito grande, para desenvolver as oficinas, como um, data show, tinha certa dificuldade porque o trabalho era na zona rural e dificultava o transporte, “mas foi valido”. No entanto muitas oficinas foram possíveis com material comprado com recursos próprios da equipe.

O trabalho de inclusão digital é uma das exigências para a formação dos jovens, veja o que está estabelecido no traçado metodológico, Brasil (2009, p. 74) “apropriar-se dos recursos de inclusão digital necessários ao desenvolvimento pessoal, à vida profissional, social e cultural”. As educadoras comentam que durante o trabalho com os jovens não foi possível a inclusão digital, nem mesmo os educadores tinham acesso ao computador, e tudo que era pesquisado e realizado, apenas para aqueles que possuíam computador. O único trabalho realizado com inclusão digital foi para os que estavam no ciclo final, e se interessavam em participar, pois muitos jovens já tinham uma base de informática, porque freqüentavam “lan house”. Houve uma capacitação e manutenção em micro para aqueles que estavam no ciclo final. O Art. 1º das diretrizes do Projovem destaca:

§ 2º - O Projovem deverá contribuir especificamente para a re-inserção do jovem nas atividades escolares, a identificação de oportunidades de trabalho e sua qualificação inicial para o exercício profissional, a elaboração de planos e o desenvolvimento de experiências de ações comunitárias e a inclusão digital como



instrumento de inserção produtiva e de comunicação. (O ART. 1º DAS DIRETRIZES DO PROJÓVEM, 2006, p. 4)

Seria viável uma sala com equipamentos de informática para os técnicos ajudar aos jovens no acesso e conhecimento ao mundo digital. As educadoras comentam sobre esse fator. Fernanda (orientadora educacional 26 anos) “Não, também não foi efetivado, houve a tentativa da inclusão digital pelo Tele Centro, mas não foi feito nesse período. Houve no ano a frente a oportunidade, mas os jovens não se interessaram porque a maioria já tinha acesso ao mundo digital fora do espaço escolar”. Esse acesso, geralmente era realizado em “lanshouses”, mas nem todos tinham oportunidades de freqüentar a estes locais.

Marta (orientadora educacional, 32 anos) “A inclusão digital não foi possível e não houve nenhum trabalho neste sentido, só tinha mais oficinas abordando os temas transversais, no final do ciclo que houve manutenção em micro, mas o que estava proposto no traçado metodológico como a construção de um blog, e não foi possível.” No entanto o trabalho de inclusão digital, importantíssimo no processo de aprendizagem do jovem deixou uma lacuna, que de certa forma ocasionou a evasão do programa Projovem Adolescente. Os temas transversais, apresentado pelo traçado metodológico, Brasil destaca:

O conjunto de questões sociais objetos de atenção e reflexão no Projovem Adolescente se expressa em temas transversais que atravessam e perpassam, em toda a sua extensão, as ações socioeducativas em suas atividades teóricas e práticas, recobrando os vários domínios e conteúdos imprescindíveis para a compreensão da realidade e para a participação social dos jovens em seu processo de crescimento e desenvolvimento individual e coletivo. Os temas transversais são: • Juventude e Direitos Humanos e Socioassistenciais • Juventude e Saúde • Juventude e Meio Ambiente • Juventude e Trabalho • Juventude e Cultura. (BRASIL, 2009, p. 28)

As entrevistadas relatam que os temas transversais foram trabalhados através de Slides, filmes, oficinas, artesanato, teatro, musica, horta, dinâmicas e palestras. E teve bastante êxito quando eram apresentados em slides e palestras, principalmente quando os assuntos eram voltados para sexualidade. Todas as atividades realizadas no Projovem estavam ligadas aos temas transversais. Para Fernanda, (orientadora, 32 anos) comenta:

Foram trabalhados em forma de orientação, pelas orientadoras sociais, e algumas oficinas foram baseadas em cima destes temas, como oficinas de reciclagem, a horta que envolve o meio ambiente, também tinha varias atividades que eram desenvolvidas através dos temas transversais, como: filmes, músicas, vídeos, slides, e outras técnicas.



O trabalho com dança, teatro, arte, cultura e canto, seria um ponto forte para aumentar a frequência e participação do jovem na escola, porque era o que eles almejavam no Projovem Adolescente, mas é notável através das entrevistadas, que esse trabalho foi realizado de forma superficial, sem profissionais preparados para desenvolver, sendo realizado pelas próprias educadoras que não tinha habilidade técnica com esse tipo de oficinas, como: dança canto, e teatro. E isso provocou a desistência de uma boa parcela dos jovens. Marta (orientadora educacional, 32 anos) comenta:

Agente tentou, fez quadrilha, coral, uma serie de oficinas nesse sentido, tentando envolver ao máximo essa questão cultural, mas o jovem não despertava o interesse, e isso dificultou o trabalho, até porque exigia recursos, e muitas vezes não era possível a compra de material para desenvolver essas atividades.

Além de recursos, precisava de pessoas capacitadas para desenvolver estes trabalhos artísticos, para de fato envolver estes jovens no programa. Fernanda, (orientadora educacional, 26 anos) comenta sobre esse trabalho:

Essa parte da dança e do teatro foi desenvolvido com as facilitadoras, de forma não profissional, porque a maioria não tinha esse embasamento técnico, de desenvolvimento da dança, teatro e da musica, foram tentados e realizados alguns trabalhos, com relação a isso, porque a maioria não tinha essa especificidade, eram das ciências humanas ou formadas nos cursos de graduação, em ciências humanas geralmente, mas não tinha ninguém com uma formação baseada pra isso, foram desenvolvidos os trabalhos de acordo com a identificação de cada facilitador, que tinha mais habilidade com teatro, com coral, tentou desenvolver e assim foi feito o trabalho.

Julia (facilitadora geral, 19 anos) comenta:

Ajudaram na interação dos grupos, mas havia muito desinteresse em participar, ela relata que eles queriam uma peça de teatro já pronta, o desinteresse partia do conhecimento do que é o teatro. O tipo de dança trabalhado foi quadrilha junina, musicas que expressasse nosso modo de vida e outras típicas da região e dança brasileira.

Portanto diante deste trabalho artístico que é uma das propostas do Projovem adolescente, verificamos através das orientadoras que não houve muito êxito, e fizeram o que foi necessário e o que estavam ao alcance de cada uma, porque não houve pouco apoio por parte da Secretaria de Ação Social.

O Projovem Adolescente em Soledade – PB foi um trabalho em parte, satisfatório para o desenvolvimento social dos jovens que frequentavam este ambiente escolar, apesar de toda dificuldade, faltou desenvolver um trabalho sério em vários aspectos, principalmente a preparação do profissional da educação social, apoio, tanto em material, ambiental, equipamentos, profissionais para oficinas de dança, teatro, arte, capoeira, entre outros. Com muitas dificuldades que estes educadores sociais enfrentaram, não foi possível uma boa frequência e participação dos jovens, mas também essa equipe realizou muitos trabalhos importantes que ajudou aos jovens na compreensão de diversos fatores que levam a informação, como temas importantes que o próprio traçado metodológico cita os temas transversais, e muitas aulas foram aplicadas na orientação e informação, como: sexualidade, meio ambiente, drogas, viagens para conhecer a cultura local entre outros.

Portanto, é necessário que o trabalho social que envolve jovens desfavorecidos economicamente e que estejam envolvidos com atos delinquentes, sejam comprometidos com a mudança social e educacional, para que o desenvolvimento destes se concretize e a exclusão e desigualdade social não prevaleçam.

### **3.3 - A experiência do Projovem em Soledade-PB**

Este relato de experiência é da autora desta monografia, que trabalhou no Projovem Adolescente como Facilitadora. O Projovem Adolescente da qual fiz parte como facilitadora, foi um trabalho difícil porque faltou capacitação, formação, material e equipamento para trabalhar. Por falta destes fatores não foi totalmente satisfatório e motivador, e isto refletiu na evasão, principalmente para aqueles que estavam em maior vulnerabilidade social, como envolvidos com drogas e prostituição. Em nenhum momento tivemos uma capacitação ou alguém que nos orientasse de como fazer o trabalho, apenas o caderno do traçado metodológico, a internet e alguns livros, mas mesmo assim, não foi suficiente para interagir um trabalho de qualidade junto aos jovens.

Um dos primeiros trabalhos da equipe do Projovem Adolescente foi apresentar para os jovens as regras de convivência, o respeito às diferenças, como se comportar e conviver diante de pessoas homossexuais, negros, e outros que apresentavam algum desvio social, ou seja, pessoas que tinham vínculos com drogas, roubo, furto, prostituição entre outros, também

foi trabalhado os direitos e deveres que os jovens tinham na participação e frequência no programa. Os educadores apresentaram alguns itens importantes que está no, ECA, priorizando os direitos dele enquanto trabalhador aprendiz e educando e apresentou em Slides um documentário sobre o trabalho infantil.

Vários trabalhos interessantes poderiam ter sido realizados, como dança capoeira, muitas oficinas de teatro, música, artesanato, acesso a informática, e só foi possível em parte, porque a equipe não tinha habilidades para desenvolver estes trabalhos, e era o que os jovens mais almejavam no programa, mesmo assim providenciamos algumas oficinas de artesanato, que era comprado com recursos próprios, como: oficina de bijuterias, no qual usamos revistas que nos instruísem como fazer, com material reciclado que foram com jornal e garrafa PETI e latas de leite, para a construção de cestos, pufe, portas jóias.

Para a música e o coral organizamos jovens para participar de alguns eventos, que se apresentaram no dia das mães e natal com encerramento dos coletivos. Grupo de coral misturou canto com dança e gestos, e a “instrutora” aproveitava algumas musicas para refletir junto aos alunos, e foi um trabalho muito proveitoso. Em relação à dança, houve muitos ensaios para o grupo da quadrilha junina que se apresentou em vários lugares, houve outros ensaios de dança típica da região realizado por uma instrutora de dança e uma facilitadora do Projovem Adolescente. Foram possíveis algumas oficinas de maquiagem e culinária, no qual as facilitadoras apresentaram oficina de como fazer docinhos e bolos decorados para festas.

Para o teatro faltava até disponibilidade de Xerox em desenvolver as peças, que só foi possível desenvolver duas peças teatrais durante o ano. Uma se apresentou no dia das mães, e a outra no natal. Para apresentar um filme a estes jovens era momento de dificuldade, porque o local não oferecia TV nem vídeo, era preciso levar estes equipamentos do CRAS para a zona rural, pela falta de disponibilidade de um no local, e o que tinha era um aparelho de som, que nos ajudávamos nas dinâmicas. Alguns filmes foram colocados para os jovens assistirem, e estes estavam relacionados com os temas transversais.

Muitos jovens que freqüentavam o Projovem Adolescente gostavam de jogar bola, e lá na escola da zona rural oferecia um campo de futebol bastante favorável, que se tornou um dos grandes interesses de alguns a frequentarem o programa. O Projovem Adolescente foi contemplado com um Educador Físico, que ajudou a prática do esporte na escola, e construiu algumas equipes, de vôlei feminino e masculino, torneio de futebol masculino e premiações, para os que não se interessavam em jogar, faziam parte de joguinhos de cartas, dominó, xadrez, dama, entre outros.

No entanto apesar de tudo, houve atividades interessantes como o trabalho de alguns temas, como drogas, sexualidade, gravidez na adolescência, aborto, DSTs, AIDS e meio ambiente. Esse trabalho foi bastante valido, pois a orientadora junto com a equipe, providenciava slides, com imagens interessantes, que chamavam o jovem para as questões apresentadas, buscávamos e distribuimos preservativos e kit de higiene bucal, na Secretaria Municipal de Saúde. Estes temas eram importantíssimos, porque prendiam a atenção e o interesse dos jovens em participar das palestras e aulas sobre estes assuntos. Foi realizada uma aula sobre mau hálito, no qual, distribuimos kits bucal, apresentamos os males que causam mal hálito, grupos realizaram cartazes que falavam do assunto e premiações para os mais criativos.

Outro fator positivo foi as viagens realizadas com os jovens, que ajudou a conhecer a cultura das cidades vizinhas e também local, e isso chamava os jovens a frequentar mais o programa. Alguns frequentavam o Projovem Adolescente por causa da bolsa família, e outros nem isso o prendiam no programa. As viagens foram importantíssimas porque diminuiu a evasão e valorizavam a cultura local, para feiras livres, em Soledade, Juazeirinho e São Vicente do Seridó-PB; museu em Soledade, patrimônio históricos em Olivedos, Soledade, Juazeirinho, PB; festas típicas em Gurjão-PB, Bode na Rua, no qual os jovens participavam das exposição de animais e artesanato; sítios arqueológicos, em Livramento e Jaramatáia, no município de Soledade, onde os jovens tomavam conhecimento da cultura dos antepassados, (índios) através das pinturas realizadas em pedras, equipamentos rústicos para pintura, caça e pesca. Passeio a lazer na Fazenda Santana, em Galante-PB. Com direito a café da manhã, almoço, passeio de charrete, passeio a cavalo, piscina e descanso em redes.

O objetivo do programa é oferecer atividades extras curriculares para que o jovem não procure ocupar seu tempo livre com atividades anti-social, como a procura de itens que seja maléfico para a sociedade e principalmente para o jovem, como os envolvimento com drogas, prostituição, violência entre outros. Portanto, é necessário que o programa ofereça condições para que estes jovens sintam prazer em comparecer e desenvolver atividades que ele goste, pois quando não existe um trabalho interessante, agradável, não tem como obter uma boa frequência e participação. É necessário capacitação, material e apoio para os educadores sociais desenvolvam um trabalho de qualidade junto a estes jovens.

O trabalho desempenhado pela equipe do Projovem Adolescente, Soledade, realizaram de acordo com as habilidades que cada uma tinha, mas que ninguém era preparada para oferecer oficinas aos jovens. E assim que o trabalho foi dando continuidade, com a nossa

criatividade e perseverança, afinal eram jovens carentes economicamente e afetivos, e tudo que foi ensinado teve muita importância para aqueles que participaram.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude brasileira desfavorecida economicamente e envolvida com atividades anti-sociais, tem sido alvo para a implantação de Programas sociais, pelo Governo Federal e ONGs, com o propósito de diminuir a desigualdade social e exclusão que leva tantos jovens a se envolverem com atos violentos. A falta de perspectiva de vida conduz o jovem a viver em situações de vulnerabilidade social, se envolvendo com o tráfico de drogas, prostituição, furto, roubo, assassinatos e DSTs. Diante desta problemática em que o jovem se encontra, pela pobreza, discriminação, exclusão, desemprego, o governo implantou os Projovens, Programas que oferece uma bolsa de R\$30,00 mensais para jovens que estejam matriculados no ensino regular, e que fazem parte do PBF, em medida socioeducativas de internação, egressos do PETI, e vinculados a programas de combate ao abuso e à exploração sexual.

O Projovem Adolescente é um Programa que trabalha com jovens de 15 a 17 anos, e tem como objetivo oferecer aos jovens, estudo diferenciado do ensino regular, para incentivar e desenvolver pratica relacionado à arte, cultura, dança esporte, lazer e saúde. Trabalhamos os temas transversais, através de palestrase foi muito importante como orientação para a vida dos jovens. Este trabalho proporciona aos jovens ocuparem seu tempo livre com atividades dinâmicas e interativas, para que estes jovens não procurem nas ruas das periferias se envolverem com atos que levam ao mundo do crime e violência, e a partir deste trabalho de prevenção, tornar o jovem um sujeito participativo, critico e reflexivo, para contribuir de forma positiva na sociedade que vive.

Para este programa tornar-se uma arma forte de combate à pobreza, violência, discriminação e desigualdade social aos jovens são necessárias educadores sociais se capacitarem e identificarem com esse trabalho voltado para elevação da auto-estima dos jovens fragilizados. É necessário que o programa dê suporte aos educadores para trabalhar, como capacitação, ambiente agradável e acolhedor, material e instrumentos que ajudem no trabalho do educador, principalmente uma sala informatizada, para a inclusão do jovem ao mundo digital, porque é um dos fatores mais exigidos no mercado de trabalho, e uma das exigências do Programa Projovem Adolescente. Através destes itens citados que o trabalho com jovens poderá ter eficácia e mudar a realidade existente, de vulnerabilidade social. Tudo o que foi articulado para o Programa Projovem Adolescente parece ser de fato um grande avanço no combate às desigualdades sociais e exclusão, mas na realidade isso não acontece, e falta mais empenho por parte de todos os envolvidos nesta proposta, porque não

houve capacitação para os educadores, pouco são os materiais e instrumentos para desenvolver um trabalho de qualidade, e isso se tornou difícil, no qual não consegue modificar e atrair a presença do jovem que é o sujeito central nesta proposta de transformação social.

Verificamos o que precisa ser feito para este Programa ter êxito em sua execução, e essa falta de estrutura e empenho foi constatado em 2010, no município de Soledade, no qual a equipe de educadores sociais teve muitas dificuldades para desenvolver o trabalho. Pela falta de preparo profissional, material, instrumentos e estrutura ambiental para desenvolver trabalhos que cativassem a presença e participação dos jovens, mas não foi possível em parte, porque o que era apresentado não era suficiente para incentivar o jovem a freqüentar e a participar das atividades. Os temas transversais que estavam na proposta das atividades foi um dos itens em que mais houve participação entre os jovens, principalmente quando se tratava dos temas sobre sexualidade, drogas, gravidez na adolescência, e as DSTs, apresentado através de palestras. Mas isso não foi o suficiente para acabar com a evasão, principalmente para aqueles que estavam em situações de vulnerabilidade.

Portanto, é necessário políticas públicas de qualidade, para os jovens terem melhor aproveitamento na escola, e os educadores sociais se capacitem e se identifiquem, e desenvolva um trabalho de qualidade, com diálogo, ética e afeto. Ajudando ao jovem a ser um cidadão melhor. E para tudo dá certo, promover um trabalho em conjunto, junto com as famílias, incentivando ao estudo, ao trabalho, o respeito às diferenças, o conhecimento e a autonomia. No entanto se não houver um trabalho sério, o nosso jovem pode estar sujeito aos “encantos” que o mundo oferece, e seguir os padrões que a mídia incentiva, o consumo, dinheiro por vias da criminalidade, tráfico de drogas, prostituição, roubo, furto entre outros. É necessário que a educação escolar, a educação social e o governo estejam juntos, para que a proposta de mudança seja de fato transformar o jovem que é vítima da exclusão e desigualdade social. Construindo sujeitos para os valores sociais, ser crítico reflexivo e autônomo.

O educador social é um sujeito interativo, dinâmico, afetivo, atencioso, ou seja, ele é a alma do programa, porque vai trabalhar com jovens fragilizados, envolvidos com atos delinquentes, que precisa de resgate e transformação para se tornar um cidadão digno. O educador social precisa ser protetor e prevenir para que outros jovens não busquem no mundo do crime uma saída para seus problemas e necessidades, mas a busca pelo estudo e atividades que lhe torne um jovem autônomo e digno de viver na comunidade que habita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. *O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro*. Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais, São Paulo-SP, 2005 (p. 20-35).

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Traçado Metodológico*. Brasília: 2009(Projovem Adolescente: Serviço Socioeducativo).

CAVALCANTI, Senyra Martins. UEPB, *Cidadania(s) e as culturas Juvenis de Periferias Urbanas*. Colóquio Cidadania Cultural: diversidade cultural, linguagens, identidades (2.: 2006, Campina Grande PB, (p.211-218).

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005 (p. 40-51).

DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*, Revista Brasileira de Educação, UFMG, Faculdade de Educação. 2003 n° 24. (p. 40-51).

ESTADÍSTICA. Instituto Brasileiro de Geografia, *Trabalho infantil mantém-se em queda e é agrícola e masculino*, Sala de Imprensa: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009. Comunicação Social 08 set de 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/criancas\\_adolescentes\\_trabalham.html](http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/criancas_adolescentes_trabalham.html)>. Acesso em: 19 nov. 2012.

FREITAS, Maria Virginia. *Juventude e Adolescência no Brasil*: referências conceituais. São Paulo SP, 2005. (p. 5-8).

LEÓN, Oscar Dávila. *Adolescência e Juventude: das noções as abordagens*. Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais, São Paulo-SP, 2005 (p. 10-18).

MACHADO. Evelcy Monteiro, *Pedagogia e a Pedagogia Social: educação não formal*, Mestrado em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná, Dezembro de 2002. Disponível em: <[evelcy.machado@utp.br](mailto:evelcy.machado@utp.br)> acesso em: 19 nov. 2012.

MARGULIS. Mario, e URRESTI. Marcelo, *La construcción social de la condición de juventud*. (1996, p. 1-22), Disponível em: <<http://www.perio.unlp.edu.>> acesso em: 11 nov. 2011.

MORGENSZTERN. Vitor, *A pedagogia social e suas caracterizações*, 21.03.1998. Disponível em: <<mailto:vm.dossier@sti.com.br>> acesso em: 16 jun. 2010.

OLIVEIRA. Avelino da Rosa, *Exclusão Social e Educação: um novo paradigma?* Educação e realidade, UFRGS, 1999 (p. 59-69).

PETRUS, Antonie TRILLA, Jaume. *Profissão: Educador Social*. Porto Alegre: ArtMed, 2003 (P. 115-137).



PETRUS, Antoni. *Novos âmbitos em educação social*. In: ROMANS, Mercê, PETRUS, Antoni & TRILLA, Jaume. *Profissão: Educador Social*. Porto Alegre: ArtMed, 2003. (p. 51-64).

PERALVA, Angelina. *O jovem como modelo cultural*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo-SP, 1997 (p. 15-23).

ROMANS, Mercê. *Funções e competências do educador social*. In: ROMANS, Mercê, PETRUS, Antoni & TRILLA, Jaume. *Profissão: Educador Social*. Porto Alegre: ArtMed, 2003 (p. 115-137).

TRILLA, Jaume. *Os âmbitos da educação social*. IN: ROMANS, Mercê, PETRUS, Antoni & TRILLA, Jaume. *Profissão: Educador Social*. Porto Alegre: ArtMed, 2003. (p.31-35).

## APÊNDICE I

## **RELATÓRIO DAS EDUCADORAS SOCIAIS DO PROJovem ADOLESCENTE EM SOLEDADE-PB**

Entrevistas realizadas através de gravador, sem questionário.

**Julia** (Educadora social, 19 anos), estudante de geografia na UFCG, que trabalhou no Projovem como facilitadora, comenta que foi uma boa experiência, por que tinha uma idade semelhante à deles, e com isso facilitou o trabalho. Disse que foi complicado, devido ao anseio que eles sentem, porque eles estão sempre em busca de algo novo, como novas amizades até mesmo de outros vínculos, como jovens envolvidos com uso de drogas, busca pelo sexo muito precoce, e o que facilitou o trabalho foi à equipe, porque era difícil agradar aos jovens nas atividades.

As dificuldades de desenvolver os trabalhos com eles em relação ao material é o repasse do dinheiro do governo federal, pois era preciso descobrir o que estes adolescentes gostavam de fazer, para que houvesse os pedidos, e a partir disso demorava o repasse de dinheiro.

Ela comenta que o trabalho de informática e o acesso ao computador, os jovens só tiveram acesso no final do ciclo II pelo SENAI, e só era realizado quem escolhesse informática, dentre outras atividades.

O relacionamento dos educadores sociais com os jovens foi de respeito, compreensão, amigável, tanto no espaço educacional como na rua, sempre acontece à saudação.

Entre eles existiam grupos reservados, mas algumas faziam com que acontecesse aproximação, a maioria já se conhecia da rua, e em parte era uma relação amigável, e poucas vezes houve conflitos, mas em geral era uma boa relação. E as atividades que promoviam a interação era as dinâmicas em grupo, que ajudava na expressão de opiniões e aproximação entre eles.

As atividades de: arte, cultura, dança, teatro, música, ajudaram na interação dos grupos, mas havia muito desinteresse em participar, ela relata que eles queria uma peça de teatro já pronta, o desinteresse partia do conhecimento do que é o teatro. O tipo de dança trabalhado foi quadrilha junina, músicas que expressasse nosso modo de vida e outras típicas da região e dança brasileira.

Uma semana de trabalho típica no Projovem com quatro dias, segunda com orientação, e os outros dias para desenvolver oficinas, artesanato, teatro, música, educação física, com dias separados para desenvolver as atividades de acordo com os interesses deles, como

artesanato, teatro, e no dia de educação física não tinha outras porque todos só queriam educação física.

**Marta**, (Orientadora social, 32 anos), formada em História, pela UEPB, com especialização.

**A experiência profissional significou para ela?** Ela comenta que foi um trabalho frustrante, por que nunca conseguiu atingir aos objetivos que planejavam, pela escassez de material muito grande, para desenvolver as oficinas, como um, data show, tinha certa dificuldade porque o trabalho era na zona rural e dificultava o transporte, “mas foi valido”.

**O trabalho com informática e o acesso ao computador foi possível?** A inclusão digital não foi possível e não houve nenhum trabalho neste sentido, só tinha mais oficinas abordando os temas transversais, no final do ciclo que houve manutenção em micro, mas o que estava proposto no traçado metodológico como a construção de um blog, e não foi possível.

**Como era trabalhado os temas transversais?** Na orientação planejava dinâmicas, oficinas, palestras, e tentava esgotar o tema ao máximo.

**Foi possível o trabalho com dança, teatro, arte, cultura?** - Agente Tentou, fez quadrilha, coral, uma serie de oficinas nesse sentido, tentando envolver ao máximo essa questão cultural, mas o jovem não despertava o interesse, e isso dificultou o trabalho, até porque exigia recursos, e muitas vezes não era possível a compra de material para desenvolver essas atividades.

**Como era o relacionamento dos alunos com os educadores sociais?** Era muito bom, se desenvolveu laços de amizade, entre os profissionais e eles, uma relação amigável, em que os conflitos eram pouquíssimos.

**Como era o relacionamento entre os jovens?** Tinham uma relação boa, não existiam muito conflitos, alguns grupinhos que se isolavam, mas no geral era uma relação boa entre eles.

**Como era uma semana de trabalho típica sua no Projovem?** Na segunda com planejamento, os profissionais se reuniam e planejavam as atividades da semana, terça, quarta e quinta, nos trabalhávamos diretamente com os jovens, como os temas transversais as oficinas, atividades esportivas, realizávamos passeios feitos na região, participava de eventos.

**Quais eram os objetivos desses passeios?** Interagir entre eles, criar laços de amizade, descontração e ate mesmo uma forma de segurar esses jovens no Projovem, que é muito difícil, porque eles têm uma serie de outras coisas, que pra eles são mais atrativos do

que o Projovem. Tentavam esses passeios para dar uma segurada na frequência, que oscilava muito, fica muito baixa, em determinados períodos.

**Houve alguma capacitação formação, para desenvolver trabalho com os jovens?** - Nenhuma rs..., esse foi o grande entrave desde que agente começou, pois a equipe entrou através de um processo seletivo, e se falava nessa capacitação e nunca foi dada, então pra gente foi muito difícil, porque éramos profissionais de outras áreas, a maioria é da área de educação, mas não tínhamos experiência em trabalhar em programas sociais, pois pedimos o tempo toda essa capacitação, na Secretaria de Ação Social, e nunca fomos atendidos, só promessas, e tivemos que desenrolar através do traçado metodológico, estudando aqueles módulos, pra trabalhar da melhor maneira possível, mas sem nenhuma ajuda de um profissional de orientação que explicasse mais afundo esse trabalho social.

**Obtiveram apoio do CRAS?** - Pra mim o apoio foi pouco, poderia ter ajudado mais, precisava muito de psicólogo, assistente social, que tivesse lá, e não no atendimento apenas no CRAS, mas que fosse participar do dia a dia do Projovem, das atividades que agente desenvolvia lá, e na verdade ficou muito difícil esse apoio, ate quando agente pedia uma palestra a dificuldade era grande. Então as maiorias das vezes, uma palestra, nos estudavam o tema e apresentávamos, porque se precisássemos de um profissional desses a burocracia era grande.

**Fernanda**, (Orientadora Social, 26 anos), formada em Serviço Social, pela UEPB, com especialização em Políticas Publica.

O que significa pra você ser educadora social do PROJOVEM? - É uma responsabilidade muito grande, porque você ta lidando com jovens, formando opiniões, apresentando temáticas desconhecidas para ele.

**Pra que você desenvolvesse esse trabalho, houve alguma capacitação?** Não, em momento algum houve capacitação, era ate um dos grandes pedidos que a equipe fazia para os gestores municipais. Pois foi feito um processo seletivo, ao qual, todos foram submetidos e aprovados, e o trabalho foi passado apenas verbal como desenvolver o trabalho com os jovens, pelo material didático, dado pelo governo federal, em livros e DVDs. No entanto foi uma das grandes preocupações da equipe foi à falta de capacitação.

**Foi possível o trabalho de inclusão digital com os jovens?** - Não, também não foi efetivado, houve a tentativa da inclusão digital pelo Tele Centro, mas não foi feito nesse período. Houve no ano a frente a oportunidade, mas os jovens não se interessaram porque a maioria já tinha acesso ao mundo digital fora do espaço escolar.

**Foi possível o trabalho cultural, como, arte, dança e teatro?** Essa parte da dança e do teatro foi desenvolvido com as facilitadoras, de forma não profissional, porque a maioria não tinha esse embasamento técnico, de desenvolvimento da dança, teatro e da musica, foram tentados e realizados alguns trabalhos, com relação a isso, porque a maioria não tinha essa especificidade, eram das ciências humanas ou formadas nos cursos de graduação, em ciências humanas geralmente, mas não tinha ninguém com uma formação baseada pra isso, foram desenvolvidos os trabalhos de acordo com a identificação de cada facilitador, que tinha mais habilidade com teatro, com coral, tentou desenvolver e assim foi feito o trabalho.

**Tinha material disponível, a estrutura do ambiente era favorável para o trabalho com os jovens?** - Também não, faltou muito material didático, desenvolvendo algumas oficinas com recursos da própria equipe. A estrutura física da escola era boa, mas tava faltando uma serie de obras, manutenção para tornar o ambiente mais agradável, o transporte dificultou muito o trabalho, por ser na zona rural, e não tinha transporte disponível todo o tempo, e fazia com que a carga horária diminuísse, a tarde era na zona urbana, pelo menor número de aluno, mas o ambiente era fechado, fazia muito calor, e diminuía a participação nas atividades e na frequência.

**Como foi o trabalho com os temas transversais?** Foram trabalhados em forma de orientação, pelas orientadoras sociais, e algumas oficinas foram baseadas em cima destes temas, como oficinas de reciclagem, a horta que envolve o meio ambiente, também, pois tinha varias atividades que eram desenvolvidas através dos temas transversais, como: através de filmes, músicas, vídeos, slides, e outras técnicas.

**Como eram os relacionamentos dos alunos com os educadores sociais?** Essa é a parte mais interessante, porque acabamos formando um vinculo de amizade, porque a equipe era jovem e engajada, que perdura ate hoje.

**Como era o relacionamento entre eles?** - Tivemos alguns contra tempos, por causa de brigas, que foi ate alguns afastados do programa, mas no geral fluía de forma legal, bacana.

**Como era uma semana de trabalho típica sua no Projovem?** - A segunda era dispensada para o planejamento da equipe, terça, quarta e quinta, trabalhávamos diretamente com os jovens, mas o ônibus nem toda semana viajava todos os dias, e o trabalho era com as orientações e oficinas.

**Como era a frequência desses jovens?** Contávamo-nos com cinco coletivos, que dava uma base de 100 jovens, com uma frequência razoável de 80 a 90 no inicio, do meio do ano para o final essa frequência foi caindo, e terminou o ano com frequência baixa.